



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Instituto de Letras


Juliana Aguiar Muniz

**Processos de indeterminação lexical em conversas telefônicas
interceptadas**

Rio de Janeiro
2013

Juliana Aguiar Muniz

Processos de indeterminação lexical em conversas telefônicas interceptadas



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Linguística.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Anna Elizabeth Balocco

Coorientadora: Prof^ª. Dra. Tânia Mara Gastão Saliés

Rio de Janeiro

2013

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CEHB

M966	<p>Muniz, Juliana Aguiar. Processos de indeterminação lexical em conversas telefônicas interceptadas / Juliana Aguiar Muniz. – 2013. 97 f.</p> <p>Orientadora: Anna Elizabeth Balocco. Coorientadora: Tânia Mara Gastão Saliés. Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras.</p> <p>1. Gramática cognitiva – Teses. 2. Polissemia – Teses. 3. Interceptação telefônica - Teses. 4. Modelos linguísticos - Teses. 5. Língua portuguesa – Lexicologia – Teses. I. Balocco, Anna Elizabeth. II. Saliés, Tânia Mara Gastão. III. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. IV. Título.</p> <p>CDU 801.31</p>
------	--

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Juliana Aguiar Muniz

Processos de indeterminação lexical em conversas telefônicas interceptadas

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Linguística.

Aprovada em 29 de abril de 2013.

Banca Examinadora:

Prof^a. Dra. Anna Elizabeth Balocco (Orientadora)
Instituto de Letras - UERJ

Prof^a. Dra. Tânia Mara Gastão Saliés (Coorientadora)
Instituto de Letras - UERJ

Prof^a. Dra. Sandra Bernardo
Instituto de Letras - UERJ

Prof^a. Dra. Maria Lúcia Leitão
Instituto de Letras - UFRJ

Rio de Janeiro

2013

DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação de mestrado aos meus pais, Mônica e Luiz, aos meus avós, Dea e Antônio e ao Rodrigo, meu eterno namorado.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a quem me ajudou a construir esta dissertação. Às professoras Anna Elizabeth Balocco e Tânia Saliés, o meu muito obrigado pela paciência, pelo suporte acadêmico e por terem me mostrado a luz no fim do túnel.

Ao meu amor, Rodrigo, por ter enxugado as minhas lágrimas, colocado um sorriso no meu rosto e me ajudado sempre a seguir em frente. Te agradeço pelo amor, carinho, companheirismo e por tanta confiança em mim. Te amo para sempre!

Aos meus pais, Mônica e Luiz, simplesmente por terem me dado a vida e me ensinado a vivê-la com honestidade e amor ao próximo. É bastante difícil encontrar palavras para agradecer a vocês dois, que são os principais responsáveis por mais essa conquista.

À minha irmã, Natália, por simplesmente existir e alegrar meus dias.

Aos meus avós, Dea e Antônio, por terem me acompanhado durante todo o percurso da minha formação pessoal e profissional, por serem meus exemplos de vida. Muito obrigada por serem meus avós!

Aos meus sogros, Eliana e Luiz, pelo acolhimento e carinho na última etapa dessa dissertação.

Às minhas amigas, Taiana e Fernanda, pelos puxões de orelha, por todo carinho e principalmente pelas longas conversas ao telefone. Vocês são muito especiais!

Às Professoras Sandra Bernardo e Maria Lúcia Leitão, agradeço por aceitarem integrar a banca de exame desta dissertação.

Por fim, agradeço a CAPES por um ano e meio de auxílio financeiro.

O dom da fala foi concedido aos homens não para que eles enganassem uns aos outros, mas sim para que expressassem seus pensamentos uns aos outros.

Santo Agostinho

RESUMO

MUNIZ, Juliana. *Processos de indeterminação lexical em conversas telefônicas interceptadas*. 2013. 97 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

O objetivo principal deste trabalho é estudar estratégias de indeterminação de sentido em um corpus de conversas telefônicas interceptadas, considerando que a produção de sentido é um processo cognitivo dependente do contexto. Delimitamos a linguística cognitiva como a área na qual essa pesquisa se encontra inserida, para melhor compreender os fundamentos e os pressupostos norteadores da Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados (TMCI) e da Teoria da Mesclagem Conceptual (*blending*), tendo como base, principalmente, os estudos de Lakoff (1987), Fauconnier (1997) e Fauconnier e Turner (2002). No decorrer do trabalho propomos responder às seguintes questões de pesquisa: a) que estratégias de indeterminação de sentido são mais frequentemente usadas nestas conversas? b) que elementos do contexto e do cotexto permitem a delimitação do sentido do item lexical em determinada conversa? c) como funcionam, no corpus, as estratégias de indeterminação de sentido e de que forma elas contribuem para sustentar determinado tipo de relação interpessoal? Para responder a estas questões de pesquisa, das 22 gravações de conversas telefônicas de atores sociais envolvidos com tráfico de armas e drogas, sequestro e extorsão, fornecidas pela Coordenadoria de Segurança e Inteligência do Ministério Público do Rio de Janeiro, selecionamos 10 conversas, em função da sua qualidade sonora, para serem transcritas e para proceder à análise qualitativa do uso da polissemia e da vagueza lexical. A partir das discussões teóricas e das análises desenvolvidas, concluímos que a polissemia representa a estratégia de indeterminação de sentido mais frequente no corpus desta pesquisa e que a mesma pode ser entendida como um processo de mesclagem conceptual, que sofre influências sociais e culturais: é a dinamicidade do pensamento e da linguagem que geram a polissemia. Concluímos também que a vagueza lexical é utilizada, no corpus, como um recurso linguístico para referência a assuntos ilícitos. Os itens lexicais analisados instanciam esquemas mentais abstratos que têm seus sentidos realizados a partir de pistas linguísticas e extralinguísticas que apontam para um processo interacional que pode ser entendido como um enquadre de transações comerciais (tráfico de drogas).

Palavras-chave: Modelos Cognitivos Idealizados. Mesclagem Conceptual. Polissemia. Vagueza Lexical.

ABSTRACT

The main objective of this research is to study strategies of indeterminacy of meaning in a corpus of intercepted telephone conversations by social actors involved with the trafficking of drugs and weapons, with kidnapping and extortion. We elected Cognitive Linguistics as the area in which this research should be developed, as we understand the process of meaning production as a cognitive process, dependent on the context. Within Cognitive Linguistics, we adopted the principles and assumptions guiding the Theory of Idealized Cognitive Models (TMCI) and Conceptual Blending Theory, based principally on studies by Lakoff (1987), Fauconnier (1997) and Fauconnier and Turner (2002). Throughout the paper our purpose is to answer the following research questions: a) what strategies for the indeterminacy of meaning are most often used in these conversations? b) what elements of context and co-text (the immediate grammatical context) trigger the instantiation of the meaning of a lexical item in a particular conversation? c) how do the strategies of indetermination of meaning operate , in the corpus, and how do they contribute to the creation of a particular kind of interpersonal relationship?

In order to answer these questions, from the 22 recordings provided by the Coordinator of Intelligence and Security of the Public Ministry of Rio de Janeiro, we selected 10 conversations, on the basis of their sound quality. We further transcribed them and submitted them to qualitative analysis, investigating the use of lexical polysemy and vagueness. From the theoretical discussions and analyzes undertaken, we conclude that polysemy represents the strategy of indeterminacy of meaning that is most often used in the corpus and that it can be understood as a process of conceptual blending, under the influence of social and cultural factors: it is the association between the use of language and the real dynamics of thought and language that generate polysemy. We also conclude that lexical vagueness is used as a language resource to refer to illicit affairs. The lexical items studied instantiate abstract mental schemas whose meanings are triggered by the use of particular linguistic and extralinguistic cues, within the domain, or frame, of a commercial transaction (drug trafficking).

Keywords: Idealized Cognitive Models. Conceptual Blending. Polysemy. Lexical Vagueness.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1-	Espaços iniciais de entrada – input	35
Figura 2-	Espaço genérico	36
Figura 3-	Espaço mescla	36
Figura 4-	Processo de mesclagem	37
Figura 5-	Mescla: AÇÚCAR É COCAÍNA	39
Figura 6-	Mescla: CARGA DE CANETA É MUNIÇÃO	58
Figura 7-	Mescla: PENTE É MUNIÇÃO	61
Figura 8-	Mescla: PÓ É COCAÍNA	64

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

LC Linguística Cognitiva

ACADEFFOR Academia Brasileira de Fonoaudiologia Forense

CSI Coordenadoria de Segurança e Inteligência

MCI Modelos Cognitivos Idealizados

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	13
1	SUPORTE TEÓRICO E REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	16
1.1	Linguística Cognitiva	16
1.1.1	<u>Pressupostos da Linguística Cognitiva</u>	19
1.2	A Semântica Cognitiva	21
1.2.1	<u>Sistema Conceitual é Corporificado</u>	22
1.2.2	<u>A Estrutura Semântica é Conceitual</u>	23
1.2.3	<u>A Representação do Significado é Enciclopédica</u>	24
1.2.4	<u>A Construção do Significado é Conceptual</u>	26
1.3	Polissemia e Vagueza	27
1.4	A Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados	30
1.5	Mesclagem Conceptual	35
1.6	Considerações Finais	40
2	METODOLOGIA	41
2.1	Natureza do Enfoque Metodológico Adotado	41
2.2	Crterios na Constituição do Corpus	43
2.3	Apresentação do Corpus	43
2.4	Histórico da Interceptação Telefônica	44
2.5	Procedimentos Analíticos	46
2.6	Considerações Finais	48
3	ANÁLISE DO CORPUS	49
3.1	Recortando o Corpus	49

3.2	Análise da Polissemia Encontrada no Corpus	51
3.2.1	<u>'Material de que? Açúcar?'</u>	51
3.2.2	<u>'Essa parada das carga da:: das caneta aí'</u>	55
3.2.3	<u>'Se liga, quantos quantos pente tem na nas 9?'</u>	59
3.2.4	<u>'Nós tamu trabalhando manu com um quilu de pó pru final de semana'</u>	62
3.3	Análise da vagueza lexical encontrada no corpus	65
3.3.1	<u>'Eu tivi qui fazê um bagulho fora aí'</u>	65
3.3.2	<u>'E aí? Minha a parada?'</u>	67
3.3.3	<u>'Um material'</u>	68
3.3.4	<u>'A genti tem qui mandá u negócio pru estrela'</u>	70
3.3.5	<u>'Nós tá sem dinheiro nenhum até pra comprá produto pra trabalhá'</u>	73
3.4	Considerações Finais	74
4	CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS	75
4.1	Limitações da Pesquisa	76
4.2	Futuros Desdobramentos	77
	REFERÊNCIAS	78
	ANEXO – Conversas Telefônicas Transcritas	81

INTRODUÇÃO

A ideia de estudar conversas telefônicas interceptadas surgiu em 2010 durante o curso de especialização em voz, quando descobri que havia um campo de trabalho bastante promissor para nós, fonoaudiólogos, dentro da área forense. Em paralelo à especialização, iniciei o curso de Fonoaudiologia Forense na ACADEFFOR – Academia Brasileira de Fonoaudiologia Forense, ministrado pelas fonoaudiólogas Maria do Carmo Gargaglione e Mônica Azzaritti, membros da Coordenadoria de Segurança e Inteligência (CSI) do Ministério Público do Rio de Janeiro. No curso, fui apresentada a casos reais de escutas telefônicas e fui aos poucos percebendo a grande importância da minha profissão nessa nova área dentro da fonoaudiologia.

No final da especialização, escrevi como trabalho de conclusão de curso um artigo intitulado “Identificação de Falantes – Um Breve Histórico” e durante o processo de escrita muitas dúvidas surgiram, aumentando a vontade de aprofundar meus estudos.

Entendi que nós, fonoaudiólogos, conseguimos realizar a Análise Perceptivo-Auditiva de uma voz, observando as características gerais do falante, como os parâmetros vocais (incluindo características de fonte e filtro), como, por exemplo, o tipo de voz, ataque vocal, foco de ressonância, pitch, loudness, qualidade da emissão, alterações fonéticas e fonológicas, a velocidade e o ritmo de fala, particularidades co-articulatórias, dialeto e idioleto, além dos aspectos prosódicos, sociais e emocionais do falante. Conseguimos, também, realizar uma análise objetiva da voz, através do que chamamos de Análise Acústica Computadorizada, com softwares específicos. Porém, para uma investigação mais precisa sobre a identidade dos falantes, é necessário partir de uma perspectiva mais ampla.

Além da análise perceptivo-auditiva e da análise acústica, acreditamos que devemos nos preocupar com o fenômeno linguístico de uma forma geral, visto que, para que se produza a fala, é necessário que ocorram uma série de processos complexos, que se iniciam pela forma de estruturação do pensamento do falante, dos aspectos linguísticos e paralinguísticos do seu discurso, e de como o contexto e sua intenção comunicativa podem influenciar em sua amostra de fala.

No corpus utilizado nesta dissertação, observei a ocorrência sistemática do fenômeno de indeterminação do sentido, porém a minha formação como fonoaudióloga não me fornecia ferramentas suficientes para entender e analisar de forma aprofundada o que realmente ocorria no corpus. Foi por essa razão que escolhemos a Linguística Cognitiva.

Com as ferramentas oferecidas por essa teoria, observamos que a existência de mais de um sentido associado a uma mesma palavra, pode ocorrer a partir de três fenômenos distintos: homonímia, polissemia e vagueza. Esses três fenômenos têm sido frequentemente estudados de forma detalhada devido à grande dificuldade em se operacionalizar seus respectivos conceitos (CROFT; CRUSE, 2004; SOARES DA SILVA, 2006; TAYLOR, 2006; GEERAERTS, 2010).

A partir dos estudos realizados anteriormente acerca dos conceitos de polissemia e vagueza, temos como objetivo principal, nesta dissertação, estudar estratégias de indeterminação de sentido em um corpus de conversas telefônicas interceptadas, a partir de um quadro teórico que considera a produção de sentido como um processo sociocognitivo, portanto, dependente do contexto. Para atender a essa finalidade, conduziremos uma reflexão que possui como base teórica a Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados, proposta, em 1987, pelo linguista cognitivo George Lakoff e utilizamos como unidade de análise o conceito de mesclagem conceptual (*blending*), fornecido por Gilles Fauconnier.

Este objetivo geral desdobra-se nos seguintes objetivos específicos: a) proceder à transcrição das conversas telefônicas interceptadas, a partir de determinado modelo teórico da Análise da Conversa pertinente à análise a ser desenvolvida no desenho desta pesquisa; b) encontrar parâmetros analíticos na Linguística Cognitiva que possibilitem a investigação do fenômeno da indeterminação de sentidos no corpus. Para atender a estes objetivos, foram formuladas as seguintes questões de pesquisa:

a) que estratégias de indeterminação de sentido são mais frequentemente usadas nestas conversas?

b) que elementos do contexto e do cotexto (contexto gramatical imediato) permitem a delimitação do sentido do item lexical em determinada conversa?

c) como funcionam, no corpus, as estratégias de indeterminação de sentido e de que forma elas contribuem para sustentar determinado tipo de relação interpessoal?

Para realizar o estudo proposto, dividimos a dissertação em três capítulos, cuja descrição sumária é a seguinte:

O capítulo 1 é dedicado à contextualização da área na qual se encontra inserido o objeto de estudo. Apresentamos um panorama da Linguística Cognitiva e uma das áreas em que se consolidam, em maior volume, as pesquisas desenvolvidas nesse campo, a Semântica Cognitiva, área de estudos em que se insere esta pesquisa. Os conceitos de polissemia e vagueza são levantados a partir de uma revisão bibliográfica de autores que já se ocuparam desses fenômenos. A Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados é abordada, levando em consideração a construção do significado e o fenômeno da mesclagem conceptual, que orientará esse trabalho, é abordado com exemplos ilustrativos retirados do corpus.

O capítulo 2 centra-se na apresentação do enfoque metodológico adotado e aborda os critérios de constituição e análise do corpus, vale ressaltar que todos os exemplos utilizados foram retirados do corpus desta dissertação.

O capítulo 3 consiste em uma prática de análise na qual procuramos visualizar, a partir das teorias expostas, como se dá a construção do significado de cada palavra, polissêmica ou vaga, através do processo de mesclagem conceptual. Para isso, recorreremos a um corpus específico, composto por conversas telefônicas interceptadas de indivíduos envolvidos com tráfico de armas e drogas, sequestro e extorsão, que foi cedido pela Coordenadoria de Segurança e Inteligência (CSI) do Ministério Público do Rio de Janeiro.

1 CAPÍTULO 1 – SUPORTE TEÓRICO E REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Neste capítulo, introduzem-se as bases teóricas desta pesquisa e apresenta-se uma revisão bibliográfica de autores que já se ocuparam do fenômeno da polissemia e da vagueza no contexto de uma interação que favorece a indeterminação de sentido, como é o caso da negociação sobre drogas ilícitas. Inicialmente, apresenta-se o contexto de formação da Linguística Cognitiva e seus pressupostos básicos. Em seguida, o foco recai sobre a Semântica Cognitiva, área de estudos em que se insere esta pesquisa. Os conceitos de polissemia e vagueza são levantados e exemplificados com recortes do corpus. Na seção seguinte, a Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados é apresentada, relacionando-a com a construção do significado e na última seção deste capítulo, o fenômeno da mesclagem conceptual, que orientará a análise do corpus, é abordado, com exemplos ilustrativos retirados do corpus.

1.1 Linguística Cognitiva

Conforme Lakoff e Johnson (1999), a Linguística Cognitiva é uma teoria linguística que utiliza as descobertas da chamada segunda geração da ciência cognitiva, para “explicar tanto quanto possível a linguagem” (p. 496). Ela é uma subárea da chamada Ciência Cognitiva, que Lakoff e Johnson (1999) afirmam ser “a ciência da mente e do cérebro” (p. 568).

Os estudos de autores como Goffman (1967), Hymes (1974) e Gumperz (1982) contribuíram para o surgimento da Linguística Cognitiva, pois passaram a mostrar os aspectos pragmáticos das relações entre línguas e culturas. Eles constituíram uma fundamentação teórica consistente para o surgimento da LC, examinando os aspectos pragmáticos, levando em conta as situações comunicativas e as construções linguísticas empregadas. A língua passou a ser vista como uma estrutura funcional e maleável que se adapta, continuamente, às necessidades de expressão de pensamentos e interação entre os indivíduos (CHIAVEGATTO, 2009).

Essa possibilidade de adaptação da língua é um dos principais interesses desse trabalho.

No exemplo 1, extraído do corpus desta dissertação, mostramos a maleabilidade da língua com a expressão ‘carga da caneta’, linha 41, em que houve uma adaptação do sentido mais prototípico¹ (tinta usada para escrever) para o menos prototípico (munição). Tal adaptação foi motivada pelo contexto de uso da língua, conversas telefônicas de policiais militares envolvidos com compra e venda de substâncias ilícitas, sem nomeá-las.

Exemplo 1:

22.	P4	34.	Então, 11 hora assim eu te ligo pá ti dá uma certeza.
23.	P3	35.	Tá beleza. E ó vô fazê o seguinte mano aí tem qui -[
24.	P4	36.	[Vô dá só
		37.	um -
25.	P3	38.	Tem que pegá um um braço aí qui vai segui no ca- no no
		39.	destino comigo aí, entendeu?
26.	P4	40.	Se marcá vai sê até aqueli mermo amigo qui foi aí vê essa
		41.	parada das carga da:: das caneta aí.
27.	P3	42.	(Trancão). Mas tem qui manda ele já com a moeda ele vai até
		43.	lá no destino comigo aí chegô lá ele viu lá pá pum e a gente já
		44.	entrá porque não tá perto não, tá um pouquinho longe,
		45.	entendeu mano?

A visão da língua como uma estrutura funcional, a apresenta como um instrumento de interação social, sendo a competência comunicativa o que importa. O funcionalismo linguístico apresenta duas vertentes: uma externalista, que analisa a relação forma e função nas motivações que atuam na superfície discursiva, investigando a iconicidade, os princípios conversacionais, especialmente pautados pelos estudos de Talmy (1988) e Givón (1995); e outra internalista, que investiga os aspectos cognitivos que expressam as relações entre pensamento e linguagem,

¹ A categorização é um processo mental de identificação, classificação e nomeação de diferentes entidades como membros de uma mesma categoria. De acordo com a Linguística Cognitiva, o processo de categorização linguística se processa, geralmente, por prototipicidade. Os protótipos são representações mentais de vários membros ou propriedades de uma categoria que possuem, geralmente, diferentes graus de saliência, uns membros são mais prototípicos e outros são periféricos, ou seja, menos prototípicos, correspondendo aos elementos mais radiais.

para os quais Chiavegatto (2009) destaca Lakoff e Johnson (1980), Lakoff (1987), Fauconnier (1994), Fauconnier e Sweetser (1996) e Langacker (1987/1991).

A LC possui um programa de investigação preocupado com a relação entre a linguagem humana, a mente e as experiências dos falantes. Ela possui dois compromissos básicos: o compromisso com a generalização e o compromisso cognitivo. Tais compromissos são a base para os estudos realizados pelos dois campos da Linguística Cognitiva: a Semântica Cognitiva e a Abordagem Cognitiva da Gramática. O primeiro compromisso é assim definido:

O compromisso com a generalização não parte do pressuposto da existência desses módulos da língua, organizados de formas diferentes, pois, antes de tudo, assenta numa proposta mais ampla, que se ocupa em investigar de que maneira os vários aspectos do conhecimento linguístico podem emergir de um conjunto comum de habilidades cognitivas a partir das quais se configuram. Por essa ótica, não se assume que o conhecimento linguístico seja produzido em módulos encapsulados na mente. (LIMA, 2009, p. 68)

Esse compromisso opõe-se a uma abordagem formal da língua que a concebe de maneira fragmentada, como se o conhecimento fosse modular. O Compromisso com a Generalização defende que o estudo da linguagem deve tomar como premissa básica a busca de explicações gerais para os fenômenos linguísticos. Esse Compromisso recusa estudar as clássicas subdivisões da linguística como níveis isolados: fonologia, morfologia, sintaxe, semântica e pragmática. Tais níveis são considerados em conjunto, e não são tomados um em detrimento de outro.

O segundo compromisso, o *compromisso cognitivo*, “define-se pela proposta de caracterizar os princípios gerais da língua em consonância com os conhecimentos de outras disciplinas que se ocupam do estudo da cognição humana” (LIMA, 2009, p. 68). É importante ressaltar que a sua base é o primeiro compromisso, dizendo respeito basicamente à união entre as disciplinas que tratam da cognição, para que melhor se possa estudar a língua.

1.1.1 Pressupostos da Linguística Cognitiva

A LC está fundamentalmente engajada na busca da plausibilidade psicológica dos construtos teóricos que ela advoga, abordando a linguagem a partir da relação da experiência humana com o mundo, concebendo a linguagem não como uma entidade autônoma, mas como “manifestações de capacidades cognitivas gerais, da organização conceptual, de princípios de categorização, de mecanismos de processamento e da experiência cultural, social e individual” (SILVA, 1997). Para tanto, esse paradigma teórico é constituído a partir de três pressupostos básicos: a linguagem não é uma faculdade cognitiva autônoma; a gramática reflete diferentes processos de conceptualização; o conhecimento da linguagem emerge de uso da língua (CROFT & CRUSE, 2004).

Esses três pressupostos representam uma resposta dos primeiros estudiosos da área às abordagens da Linguística Gerativa. O primeiro princípio é uma oposição à hipótese gerativista de que a linguagem é uma faculdade cognitiva autônoma ou modular, separada das habilidades cognitivas não-linguísticas. A LC considera a linguagem parte integrante da cognição humana. Dessa forma, os estudos dentro da área propõem-se à observação e à busca de descrição de processos cognitivos, sócio-interacionais e culturais. Langacker (1987) explica o segundo pressuposto, *gramática é conceptualização*, dizendo que a gramática de uma língua é reflexo de distintos processos de conceptualização², ou seja, a linguagem é simbólica em todos os seus aspectos, incluindo aspectos morfossintáticos. Tal perspectiva simbólica da gramática como principal objeto de estudo possibilitou o desenvolvimento da Gramática Cognitiva por Langacker (1987) e das chamadas Gramáticas de Construções, desenvolvidas, principalmente, por Fillmore & Kay (1988), Lakoff (1987), Golberg (1995, 2006) e Croft (2001).

O terceiro pressuposto da LC afirma que o conhecimento linguístico emerge e se estrutura a partir do uso efetivo da língua em eventos comunicativos reais. Ou seja, categorias e estruturas sintáticas, morfológicas, semânticas e fonológicas são

² Os processos de conceptualização correspondem aos processos mentais que realizamos, tais como a analogias, polissemias, esquemas imagéticos, dentre outros, com o objetivo de construir sentidos.

construídas a partir de processos cognitivos gerais que aplicamos às diversas ocasiões de uso real da linguagem (SOUZA, 2007).

Em resumo, a Linguística Cognitiva postula que a linguagem é parte integrante da cognição humana que, por sua vez, reflete e refrata a interação de fatores culturais, psicológicos e comunicativos, espelhando a experiência humana no mundo.

Segundo Lakoff e Johnson (1999), os princípios que norteiam essa abordagem são os seguintes:

- (1) A estrutura conceptual origina-se de nossa experiência sensório-motora e das estruturas neurais que lhes dão origem, sendo a noção de “estrutura” caracterizada como esquemas de imagens e esquemas motores.
- (2) As estruturas mentais são intrinsecamente significativas devido à sua conexão com nossos corpos e nossa experiência corpórea, o que contraria a ideia de manipulação de símbolos não-semantizados.
- (3) Há um nível básico de conceitos que originam parte de nossos esquemas motores e nossas capacidades para percepção gestáltica e formação de imagens.
- (4) Nossos cérebros são estruturados de forma a projetar a ativação de padrões de áreas sensório-motoras para níveis corticais mais altos, constituindo as chamadas metáforas primárias. Tais projeções permitem-nos conceptualizar conceitos abstratos com base em padrões inferenciais utilizados em processos sensório-motores que estão diretamente ligados ao corpo.
- (5) A estrutura dos conceitos inclui protótipos de vários tipos: casos típicos, casos ideais, estereótipos sociais, exemplares salientes, pontos de referência cognitivos, entre outros, sendo que cada tipo de protótipo utiliza uma forma distinta de raciocínio.
- (6) A razão é corpórea na medida em que nossas formas fundamentais de inferência originam-se de formas sensório-motoras e outras formas de inferência baseadas na experiência corpórea.
- (7) A razão é imaginativa na medida em que as formas de inferência são mapeadas de modos abstratos de inferência pela metáfora.
- (8) Os sistemas conceptuais são pluralísticos, não monolíticos, de tal sorte que conceitos abstratos são definidos por múltiplas metáforas conceptuais que são muitas vezes inconsistentes entre si.

De acordo com os princípios listados acima, os principais temas de especial interesse da área são: as características estruturais da categorização linguística (tais como prototipicidade, polissemia³, modelos cognitivos, metáfora e imagens mentais), os princípios funcionais da organização linguística (iconicidade e naturalidade), a interface conceptual entre sintaxe e semântica, a base pragmática ligada à experiência da linguagem em uso e a relação entre linguagem e pensamento (SILVA, 1997).

Dentre os temas mencionados acima, as características estruturais da categorização linguística, em especial a polissemia, a vagueza e o processo de mesclagem conceptual são o foco principal desse trabalho e serão abordados e exemplificados no decorrer deste estudo nas seções 1.3, página 30.

1.2 A Semântica Cognitiva

A Semântica Cognitiva aborda especificamente um dos fenômenos da LC, o conteúdo conceitual e a sua organização. Portanto, a Semântica Cognitiva é considerada a área que investiga os sistemas conceituais, significados e inferências, tomando como pressupostos básicos os princípios segundo os quais os conceitos são engendrados por meio do corpo, cérebro e experiência no mundo, isto é, adquirem significados a partir da corporificação, especialmente por meio das capacidades perceptuais e motoras.

De acordo com Evans e Green (2006), são quatro os pressupostos centrais da semântica cognitiva:

1. O sistema conceitual é corporificado.
2. A estrutura semântica é conceitual.
3. A representação do significado é enciclopédica.
4. A construção de sentido é conceptualização.

³ O conceito de polissemia será desenvolvido na seção 1.3.

1.2.1 Sistema Conceitual é Corporificado

Uma preocupação fundamental para semanticistas cognitivistas é a natureza da relação entre a estrutura conceitual e o mundo externo da experiência sensorial. Os estudiosos da semântica cognitiva exploram a natureza da cognição humana em sua relação com o mundo exterior. Segundo eles, a organização conceitual surge a partir da experiência corporal, por isso parte do que torna a estrutura conceitual significativa é a experiência corporal à qual está associada. Evans e Green (2006) utilizam o seguinte exemplo para ilustrar a influência da experiência corporal na construção da estrutura conceitual:

Imagine um homem em uma sala trancada. A sala tem as propriedades estruturais associadas com um marco delimitado: ela tem lados fechados, um interior, um limite e uma carcaça. Como consequência dessas propriedades, o marco limitado tem a propriedade funcional adicional de contenção: o homem é incapaz de sair da sala. Esta instância de contenção é em parte uma consequência das propriedades do marco limitado e, em parte, uma consequência das propriedades do corpo humano. Os seres humanos não podem passar por fendas como o gás pode, ou rastejar pelas frestas sob as portas, como formigas podem. Em outras palavras, a contenção é uma consequência significativa de um tipo particular de relacionamento físico que temos experimentado na interação com o mundo exterior.

O conceito associado à contenção é um exemplo que os linguistas cognitivos chamam de um esquema de imagem ou esquema imagético. No modelo cognitivo, o esquema imagético de um conceito, representa uma das maneiras pela qual a experiência corporal dá origem a conceitos significativos. Enquanto o conceito baseia-se na experiência corporificada diretamente da interação com os limites e esquemas imagéticos, a estrutura conceitual também pode dar origem a tipos mais abstratos de significado.

Para exemplificar Evans e Green (2006) citam os seguintes exemplos de Lakoff e Johnson (1980: 32):

(1)

- a. Ele está apaixonado.
- b. Estamos fora de problemas agora.
- c. Ele está saindo do coma.
- d. Estou lentamente entrando em forma.
- e. Ele está em um estado de euforia.
- f. Ele está em depressão.

Lakoff (1987) argumenta que exemplos como os de (1) são licenciados pela projeção metafórica do esquema imagético CONTAINER sobre o domínio conceitual abstrato dos Estados. A ideia por trás da projeção metafórica é que a estrutura significativa da experiência corporal dá origem a conceitos concretos, como o esquema de imagem CONTAINER que, por sua vez, serve para estruturar domínios conceituais mais abstratos, como ESTADOS.

1.2.2 A Estrutura Semântica é Conceitual

Esse princípio afirma que a estrutura semântica equivale a conceitos na mente de um indivíduo. De acordo com Evans & Grenn (2006), os significados associados com as palavras formam um subconjunto de possíveis conceitos. Afinal, temos muitos pensamentos, ideias e mais sentimentos do que podemos convencionalmente codificar em linguagem.

A semântica cognitiva segue um caminho entre o subjetivismo e o objetivismo semântico, alegando que os conceitos se relacionam com a experiência vivida.

Para ilustrar essa afirmação, Evans & Green (2006) expõem o seguinte exemplo: o conceito de solteirão, que é um conceito tradicionalmente definido como “homem adulto solteiro”. Porém não podemos aplicar esse conceito a todos os homens adultos solteiros.

Entendemos que alguns homens adultos não são elegíveis para o casamento devido tanto a vocação ou a preferência sexual (considerando que o casamento seja restrito aos membros do sexo oposto). É por essa razão que o conceito de solteirão não caberia ser aplicado ao Papa ou a um homossexual do sexo masculino.

A definição estrita de solteirão como “homem adulto solteiro” deixa de capturar adequadamente a amplitude e a diversidade de significados associados com qualquer conceito do dado lexical. Por essa razão, semanticistas cognitivistas rejeitam a definição de dicionário em favor de uma visão enciclopédica.

1.2.3 A Representação do Significado é Enciclopédica

O significado não é estático, mas dinâmico, não é dado, mas construído no conhecimento enciclopédico e configurado em feixes de conhecimento ou domínios, não é platônico mas corporizado, encarnado nas necessidades, nos interesses e nas experiências dos indivíduos e das culturas. (DA SILVA, 2006, 59-60).

De acordo com o terceiro princípio central da semântica cognitiva, a estrutura semântica é de natureza enciclopédica.

A Linguística Cognitiva adota uma *perspectiva baseada no uso*, tendo como uma de suas principais hipóteses a ideia de que o contexto orienta a construção do significado. Em função disso, a semântica cognitiva rejeita a ideia de um léxico mental que contenha o conhecimento semântico de forma separada de outros tipos de saber.

Langacker (1987: 154) enfatiza que a distinção entre semântica e pragmática (ou entre conhecimento linguístico e extralinguístico) é bastante artificial, e a única concepção viável da semântica é aquela que evita falsas dicotomias, apresentando, conseqüentemente, natureza enciclopédica.

O fato de que se associe a construção do significado ao conhecimento enciclopédico, entretanto, não significa adotar uma postura de que o conhecimento associado a determinada palavra se estabelece de forma desorganizada e caótica. Ao contrário, a semântica cognitiva caracteriza o conhecimento enciclopédico como um sistema estruturado e organizado em rede, assumindo que os diferentes aspectos do conhecimento a que uma palavra dá acesso não têm *status* idêntico.

Por exemplo, o conceito *açúcar* inclui a especificação para sua forma no domínio espacial e/ou visual; a configuração de sua cor, no espaço cromático; a localização de seu gosto, no domínio das sensações de paladar/cheiro; além de uma série de especificações abstratas, tais como o conhecimento de que o açúcar é comestível, é usado para produzir doces, provém da cana de açúcar, e assim por diante. Entretanto, alguns desses aspectos são mais centrais para o significado de *açúcar* do que outros, como veremos abaixo.

Langacker (1987) propõe quatro especificações, as quais geralmente acontecem correlacionadas a determinadas informações, contribuindo para a centralidade dessas na rede enciclopédica:

(i) **convencional** – é a informação amplamente conhecida e compartilhada pelos membros de uma comunidade de fala, que tem, portanto, alta probabilidade de ser mais central para a representação mental de um determinado conceito lexical. Se somente eu souber que um grupo de pessoas utiliza a palavra *açúcar* para se referir à *cocaína*, como no exemplo 2, esse conhecimento não passará a fazer parte do significado convencional de *açúcar*. Tendo em vista que a convencionalidade é uma questão de grau, esse conhecimento pode ser considerado periférico. Porém, se esse uso particular da palavra *açúcar* for divulgado pela mídia, a simples menção da palavra *açúcar* poderá trazer de modo imediato à mente dos falantes de língua portuguesa a palavra *cocaína*. E aí sim, a definição de *açúcar* como *cocaína* faria parte do significado convencional de *açúcar*. Esse caso é ilustrado pelo exemplo 2.

Exemplo 2:

12.	P2	13.	[Jacó não tá aí não? Jacó não tá aí não?
13.	P1	14.	Pô, Jacó não tá qui não °cara°
14.	P2	15.	Pô, eu quiria desenrolá um papu cum eli, uma para aí qui tá prá passá pra eli, bichu.
		16.	
15.	P1	17.	Era u que qui é?
16.	P2	18.	Um material.
17.	P1	19.	Material di que? (.) Açúcar?
18.	P2	20.	É é é.
19.	P1	21.	<Mas> Cês tão cum a amostra aí?
20.	P2	22.	Tá pô, claru.

(ii) **genérica** – é o grau em que uma informação é genérica, ao invés de específica. Se eu disser que dois amigos meus utilizam a palavra *açúcar* para se referir à *cocaína* é bastante específico, já a informação de que algumas pessoas dentro da sociedade fazem tal uso é genérica.

Os parâmetros *convencional* e *genérico* tendem a se sobreporem, já que quanto mais genérica for uma caracterização, maior sua probabilidade de ser convencional. Entretanto, são parâmetros independentes.

(iii) **intrínseca** – é a caracterização do significado que não leva em conta fatores externos. A forma, por exemplo, é uma propriedade altamente intrínseca, pois diz

respeito às relações entre partes de um objeto e não requer interação ou comparação a outras entidades. O tamanho, por sua vez, implica comparação a outros objetos ou a determinada escala de medida, de modo que não é tão intrínseco quanto à forma. No caso de comportamentos, alguns são intrínsecos e outros são mais extrínsecos.

(iv) **característica** – é a informação suficiente para identificar o membro de uma classe, dado seu caráter único. A forma, por exemplo, costuma ser mais característica do que a cor: um *carro* pode ser reconhecido pela forma, mas a observação de que uma entidade é preta não seria suficiente para identificá-la como *carro*.

Os quatro fatores descritos se inter-relacionam e constituem uma proposta de tratamento da centralidade do significado na rede enciclopédica. Sua importância teórica reside justamente no fato de permitir o estabelecimento de uma estrutura organizada de conhecimento, enfraquecendo argumentos que apontam para a falta de plausibilidade cognitiva do modelo enciclopédico.

É importante ressaltar que a centralidade de uma especificação na caracterização enciclopédica de um enunciado refere-se à probabilidade de ativação no contexto em que o mesmo ocorre. Dentro dessa perspectiva, os itens lexicais não funcionam como “pacotes” que armazenam o significado, mas atuam como pontos de acesso para sistemas de conhecimento ou pistas.

1.2.4 A Construção do Significado é Conceptual

O quarto princípio associado à semântica cognitiva é que a própria linguagem não codifica significado. As palavras são apenas pontes de acesso para a construção de sentido (pistas). A construção do significado é equiparada à conceptualização, um processo dinâmico em que as unidades linguísticas requerem um conjunto de operações conceituais e recrutam o conhecimento enciclopédico.

A construção de sentido, além de recrutar o conhecimento enciclopédico, envolve estratégias de inferência (situacionais e socioculturais) que se relacionam com diferentes aspectos da estrutura conceitual.

Fauconnier (1994, 1997) enfatiza a existência de ligações locais entre espaços mentais distintos, pacotes conceituais de informação construídos on-line durante o processo de construção de sentido. No exemplo 3, apresentamos uma construção de sentido que acontece on-line.

Exemplo 3:

Turno	Participante	Linha	Fala
1.	ST	1.	Alô.
2.	PM	2.	Fala aí fita é u Estrela.
3.	ST	3.	(.) Quem?
4.	PM	4.	U Estrela.
5.	ST	5.	U Estrela?
6.	PM	6.	É.
7.	ST	7.	Fala aí manu?
8.	PM	8.	Fala aí, i u negóciu?
9.	ST	9.	Vai encostá pra pegá?
10.	PM	10.	Daqui a:: seis minuto.
11.	ST	11.	Já é, mi liga.
12.	PM	12.	Falô.
13.	ST	13.	Valeu.

O item lexical *negócio*, linha 8, é abstrato e por isso a construção do seu sentido depende de um contexto. Apenas as pessoas envolvidas na conversa é que de fato saberão o real significado de *negócio*, já que seu conceito é construído on-line. Esse item lexical é classificado como vago, tal classificação será melhor explicada no capítulo 3.

1.3 Polissemia e Vagueza

Construir um significado para as palavras é uma tarefa bastante difícil. Diversas são as vezes em que tentamos estabelecer um significado, mas ele não se adequa ao contexto a que determinada palavra pertence. Por vezes é mais fácil estabelecer o significado de uma palavra se ela está dentro de uma frase, pois o contexto pode direcionar o significado para caminhos diferentes.

Por exemplo, se eu perguntar o sentido da palavra *pó*, uma dona de casa poderá me responder que essa palavra está relacionada à *poeira*, já uma jovem

poderá relacionar a palavra *pó* ao produto usado para se maquiar. Em uma rápida pesquisa no *Google*, obtemos os seguintes cinco primeiros resultados para a palavra *pó*: pó de mico, pó compacto, pó de arroz, pó de guaraná e pó descolorante.

Porém, se analisarmos a mesma palavra no exemplo 4, linha 20, veremos que ela apresenta ainda um outro sentido, *cocaína*.

Exemplo 4:

7.	PM	8.	Pô:: manu, mas si liga só porque pô vocês vocês entraram em
		9.	sintonia com a genti já du:: dus papu já () final de semana pra
		10.	geral?
8.	ST	11.	Não não entrei porque eu não consegui manu, eu tivi qui fazê
		12.	um bagulho fora aí ()-
9.	PM	13.	Então? O (amiguinhu) di ontem qui mi fortaleceu[() aí]
		14.	[é cara] ()
		15.	eu acabei de fala cum o () eli mi mostrô aqui agora então ta
		16.	dando papu pra geral manu geral ta essa compreensão pra
		17.	renti manu tipu comum manu nós tivemu uma perca aqui ta
		18.	mi entendendu? Morreu dois amiguinhu nossu então u
		19.	bagulho assim, piorô tudu então por causa di que nós tamu
		20.	trabalhando manu com um quilu de pó pru final de semana.

Nesse caso, observamos que uma única palavra, *pó*, apresenta vários sentidos e que todos os sentidos possíveis têm uma relação entre si, sendo assim podemos classificar essa palavra como polissêmica. A polissemia ocorre quando um único item lexical possui sentidos diferentes e todos esses sentidos distintos estão relacionados e advêm de um mesmo sentido primário. Para estabelecer essa relação entre as palavras polissêmicas, usamos a nossa intuição de falante e os nossos conhecimentos históricos a respeito dos itens lexicais.

Segundo Bernardino (2012), os sentidos que estão relacionados a um item lexical e constituem a rede semântica polissêmica formam um *continuum*, ou seja, existem usos que são mais salientes e outros mais periféricos, porém não é possível fazer uma separação precisa desses sentidos. A rede polissêmica sincrônica sofrerá mudanças, porque um sentido que hoje é mais saliente pode perder proeminência e ser substituído, ou um novo sentido pode surgir na rede. Além disso, os sentidos são flexíveis, porque, conforme vão sendo exigidos pelo contexto, sofrem adaptações provocadas pelo conhecimento enciclopédico do falante.

A polissemia opõe-se aos seguintes conceitos: à homonímia, quando significados distintos dividem o mesmo som, homófonos ou a mesma escrita, homógrafos, por exemplo *manga* fruta e *manga* de camisa. Palavras polissêmicas apresentam uma mesma entrada lexical, com algumas características diferentes e as palavras homônimas possuem duas ou mais entradas lexicais.

É preciso diferenciar também a polissemia da vagueza lexical. No caso de vagueza, o contexto pode acrescentar informações que não estão especificadas no sentido. A vagueza é representada por itens lexicais abstratos que apenas apresentam significado quando estão dentro de um contexto. Caso esse item lexical esteja fora de um contexto não poderemos lhe atribuir um significado específico.

No exemplo 5 podemos observar dois exemplos de vagueza lexical. A palavra *negócio*, linhas 12 e 13; e a palavra *bagulho*, linha 16.

Exemplo 5:

6.	PM	8.	Pô manu olha só é porque:: (.) tem te dois plantão aí i não veiu nada entendeu? Eu falei cum eli u seguinte (.) pra eli manda é:: pra frenti nu serviçu dí hoje entendeu?
		9.	
		10.	
7.	ST	11.	Ahn?
8.	PM	12.	U qui aconteci cara a genti tem qui manda u negócio pru Estrela lá i:: num tá indu o negócio pru cara (.) Entendeu?
		13.	
9.	ST	14.	Ahan!
10.	PM	15.	Mas isso aí tu vai tê qui fala cum eli ou tu resolvi?
11.	ST	16.	Pô eu vô te qui fala cum eli. Purque? U bagulhu nu casu era pra hoji?
		17.	
12.	PM	18.	É. (.) U que aconteci? Olha só. U que qui que qui eli tá pensando? Eli tá pensando qui a sintonia parô entendeu?
		19.	
13.	ST	20.	Ahn?
14.	PM	21.	Comu a genti num tá mandan::du o que qui eli tá mandandu fazê? Eli tá mandandu i aí eli ta mandandu () tá planejando operação i u caralho entendeu?
		22.	
		23.	

É exatamente isso que ocorre no Exemplo 5. Nas linhas 12 e 13 o interlocutor utiliza o item lexical *negócio*. Para tal palavra, não conseguimos atribuir um significado mais ou menos prototípico se não analisarmos a palavra dentro de um contexto. Dessa forma, apenas as pessoas envolvidas na conversa é que de fato saberão o real significado de *negócio*. O mesmo ocorre na linha 16 com a palavra *bagulho*.

Nesta pesquisa, tratamos a vagueza e a polissemia como dois recursos usados pelos interlocutores, para se referir a assuntos ilícitos. Os interlocutores

lançam mão dessas estratégias linguísticas utilizando códigos para que pessoas fora do grupo envolvido não consigam decifrar o tema da conversa, como podemos observar no Exemplo 3, linha 8, quando um dos atores sociais utiliza o item negócio.

Exemplo 3:

Turno	Participante	Linha	Fala
1.	ST	1.	Alô.
2.	PM	2.	Fala aí fita é u Estrela.
3.	ST	3.	(.) Quem?
4.	PM	4.	U Estrela.
5.	ST	5.	U Estrela?
6.	PM	6.	É.
7.	ST	7.	Fala aí manu?
8.	PM	8.	Fala aí, i u negóciu?
9.	ST	9.	Vai encostá pra pegá?
10.	PM	10.	Daqui a:: seis minuto.
11.	ST	11.	Já é, mi liga.
12.	PM	12.	Falô.
13.	ST	13.	Valeu.

Para tanto, nesta dissertação, estudaremos a vagueza e a polissemia na sua articulação com o fenômeno da mesclagem conceitual, tema da seção 1.6.

Na seção 1.4, aborda-se a teoria dos modelos cognitivos idealizados, postulada para lidar com os problemas detectados na teoria dos protótipos.

1.4 A Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados

De acordo com Lakoff (1987), o significado é delimitado em termos de corporalidade, das nossas capacidades biológicas coletivas e das nossas experiências sensório-motoras, emocionais, sociais, assim como capacidades inatas que dão forma a essas experiências e as tornam possíveis. Nesse sentido, a razão, por estar sustentada na experiência humana, possui uma base material. Sob essa ótica, Lakoff toma a questão do significado como inerente ao processo de categorização humana e assume que o sentido se constrói a partir da experiência com base naquilo que é significativo para seres pensantes. O significado é sempre determinado por organismos que possuem corpos de um determinado tipo, experienciam o ambiente de uma determinada maneira, entendem suas

experiências segundo seus propósitos e valores e constroem um significado público compartilhado através de interações linguísticas. A natureza do organismo pensante e a forma como ele funciona no ambiente sociocultural são, portanto, de fundamental importância para o estudo da razão e das formas de produção de sentido. Assim, o significado é o resultado de um processo de natureza cognitiva e social.

Retomando os ensinamentos de Lakoff (1987), é importante dizer que ele considera a categorização como central para explicarmos como significamos nossa experiência, pois é através da categorização que os atores sociais significam o mundo. Para o autor, as categorias, ao contrário do que é postulado pela visão objetivista, não são abstratas nem independentes da base material da experiência e dos recursos imagéticos da razão. Pelo contrário, elas são corporificadas na experiência humana, e a forma como utilizamos os mecanismos imagéticos é central para se compreender como nós construímos categorias a fim de significar nossa experiência. Nesse sentido, a razão possui uma base material e imaginativa e a maioria de nossos pensamentos envolve essas categorias, organizadoras de nossos sistemas conceituais. Elas estabelecem a relação entre o aparato cognitivo humano e o mundo de estímulos da realidade externa e são vistas como elementos dentro dos Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs). Estes, por sua vez, são definidos como estruturas complexas, de caráter gestáltico, que organizam nosso conhecimento geral do mundo, em domínios físicos e abstratos, tal como o experienciamos sócio culturalmente (FELTS, 1992, p. 54).

Segundo CHIAVEGATTO (2009), os Modelos Cognitivos Idealizados são estruturas mentais que armazenam os conhecimentos e são assim chamados porque armazenam os aspectos que conhecemos acerca das experiências diferenciadas que vivenciamos; são modelos idealizados por serem estruturas mentais disponíveis para estruturarem experiências com características similares. São estruturas estáveis, mas não rígidas, pois podemos modificá-los, adicionando ou retirando informações, re-organizando hierarquias, de modo a atualizar nosso saber sobre as áreas de experiência que temos arquivadas na memória.

Os MCIs são representados por retângulos nos quais registramos as informações acerca da área de sentido em tela, de tal modo a dar conta da especificidade das informações que temos arquivadas na memória acerca do tema.

Tais estruturas vão se expandindo à medida que nosso conhecimento sobre o tema vai se intensificando: armazenam palavras, conceitos, procedimentos, ou seja, tudo o que foi experienciado acerca da área de sentido que recobre.

Sob essa ótica, o significado é construído de duas formas: a partir de estruturas diretamente significativas, que emergem da experiência física e corporal, e a partir de estruturas imagéticas. As primeiras são denominadas estruturas de nível básico e estruturas de esquema de imagens. As de nível básico dizem respeito a um nível intermediário de percepção gestáltica para objetos, estados, ações, propriedades etc., considerado mais básico. Já as estruturas de esquemas de imagem, também de caráter gestáltico, são baseadas em experiências físicas recorrentes, esquematizadas como representações mentais. Salienta-se que essas estruturas diretamente significativas atuam na categorização de domínios físicos e abstratos. Enquanto essas estruturas são diretamente estruturadas pela percepção, as imagéticas, por sua vez, aplicam os mecanismos imaginativos da razão e fazem uso de processos metafóricos e metonímicos, indo além do espelhamento real ou da representação da realidade externa.

Dessa maneira, através da metáfora e da metonímia, enquanto formas básicas de processamento cognitivo, as estruturas diretamente significativas são projetadas ou estendidas para domínios abstratos a fim de que estes possam ser estruturados e compreendidos. Então, ainda para Lakoff (1987), as estruturas conceituais significativas surgem de duas fontes. Primeiramente, da natureza estruturada da experiência física e sociocultural e, em segundo lugar, de nossa capacidade inata para transpor, pelos mecanismos da razão, certos domínios estruturados da experiência física e social para domínios de natureza abstrata. Isso permite avançar no entendimento de categorias mais complexas que não têm aporte no domínio físico.

Dentro dessa concepção teórica, a capacidade de conceitualização ou de categorização torna o ser humano apto à razão abstrata, que requer basicamente três habilidades: a de transformar estruturas simbólicas de nível básico em estruturas diretamente significativas; a de projetar as estruturas de domínios físicos em estruturas de domínios abstratos, mantendo as relações entre os domínios, e a habilidade de formar conceitos complexos e categorias gerais, usando esquemas de

imagens como mecanismos estruturantes. Essas habilidades, segundo Feltes (1992, p. 54), relacionam-se à capacidade de formar Modelos Cognitivos Idealizados.

Lakoff (1987) toma a noção de categoria que emerge da Teoria da Categorização por Prototipicidade, discutida na subseção 1.4.1 e desenvolvida por Eleanor Rosch, a qual preconiza a existência, dentro de uma categoria, de membros ou instâncias que possuem um status especial. Esses membros ou instâncias não seriam todos igualmente representativos, haveria entre eles assimetrias ou efeitos prototípicos, de modo que algum deles seria tomado como o exemplo mais representativo da categoria ou como seu protótipo. A formação de estruturas prototípicas na construção das categorias semânticas é governada por um princípio denominado “semelhanças de família”, no sentido atribuído por Wittgenstein (apud LAKOFF, 1987). Assim, as categorias semânticas são vistas como redes de atributos sobrepostos, e seus membros são considerados prototípicos, na medida em que eles apresentem semelhanças de família com outros membros da categoria. Dessa forma, os elementos vistos como os mais representativos são aqueles com maior semelhança de família, mesmo que pertençam a outras categorias.

A natureza das categorias e de seus atributos depende da interação do ator social com a realidade. Nessa interação, ele vê algumas categorias como mais básicas do que outras, de modo que aquilo que constitui uma estrutura básica para um indivíduo ou cultura é o resultado de uma interação entre a estrutura potencial fornecida pelo mundo, a ênfase particular e o estado de conhecimento do povo que está categorizando.

Segundo Lakoff (1987), os efeitos prototípicos resultam do fato de que o conhecimento está organizado de uma determinada maneira, em termos de modelos cognitivos de variados tipos, e esses modelos seriam a fonte dos efeitos prototípicos verificados na categorização. O autor apresenta a tese básica de que os efeitos prototípicos resultam da natureza dos modelos cognitivos que podem ser vistos como teorias sobre alguma matéria (LAKOFF, 1987, p. 45). Dentro dessa perspectiva, a questão do significado das expressões linguísticas, já associada à natureza da categorização e, portanto, concebida sob a ótica da prototipicidade, passa, também, a depender de uma teoria dos Modelos Cognitivos, que são as fontes dos efeitos prototípicos.

O exemplo prototípico de uma categoria apresenta todas as características previstas no MCI, o protótipo funciona como ponto de referência cognitiva que gera efeitos prototípicos, isto é, exemplos que, em relação ao membro central da categoria, podem ser vistos como variantes menos centrais.

O uso da linguagem ativa os MCIs, que podem se estruturar das seguintes formas:

- **Proposicionais:** Lakoff utiliza o termo "proposicional", no sentido de que os MCIs deste tipo não são estruturados por «dispositivos imaginativos" (1987: 285) como a metáfora e a metonímia. Em vez disso, o MCI proposicional é constituído por elementos com propriedades e relações que existem entre esses elementos. Um MCI deste tipo consiste em proposição do conhecimento. Por exemplo, o nosso conhecimento das 'regras' envolvidos em pedir uma mesa e pedir comida em um restaurante emerge de um MCI proposicional. Abrange o conhecimento sobre cenas reais, comportamentos e rotinas.
- **Esquemas Imagéticos:** estruturas esquemáticas que evocam relações espaciais elementares, que fazem parte do sistema conceptual humano, tais como a imagem de "containers", caminhos, força, equilíbrio e orientação (em cima/embaixo, frente/trás, parte/todo, centro/periferia etc).
- **Projeções Metafóricas:** partindo de um modelo proposicional ou esquema imagético, as projeções metafóricas estabelecem ligações entre elementos de diferentes espaços mentais.
- **Funções Pragmáticas:** tendo em vista que elementos em um espaço podem ter contrapartes em outro espaço, funções pragmáticas entre esses elementos podem atuar ativamente em processos de referência.

1.5 Mesclagem Conceptual

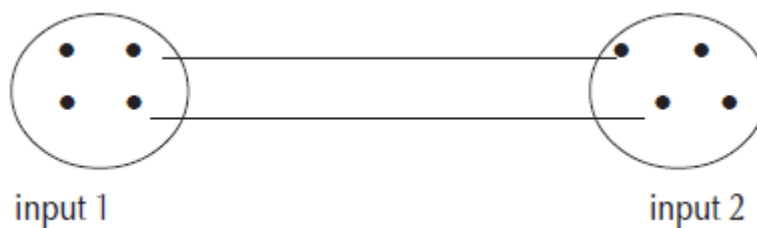
Segundo FAUCONNIER (1997), a noção de *mesclagem conceptual (blending)* refere-se a um processo cognitivo que permite a integração entre diferentes espaços mentais, que funcionam como *input* para um novo espaço mental, a *mescla*.

O que permite a mesclagem de partes e contrapartes entre espaços-input é a projeção inicial interdomínios, por analogia entre os elementos desses inputs – as *contrapartes*. Essa analogia fica estruturada em um *espaço genérico*, e é o que permite, portanto, que ocorra o processo de mesclagem conceptual e a criação da *mescla*, com sua *estrutura emergente* herdada da projeção parcial das estruturas dos inputs.

A mesclagem conceptual é uma operação que surge de uma rede de espaços mentais, cuja configuração mínima envolve a projeção seletiva de elementos de quatro espaços:

- *Espaços iniciais de entrada: input 1 e 2* interconectados, como ilustra a figura 1⁴:

Figura 1- Espaços iniciais de entrada - input

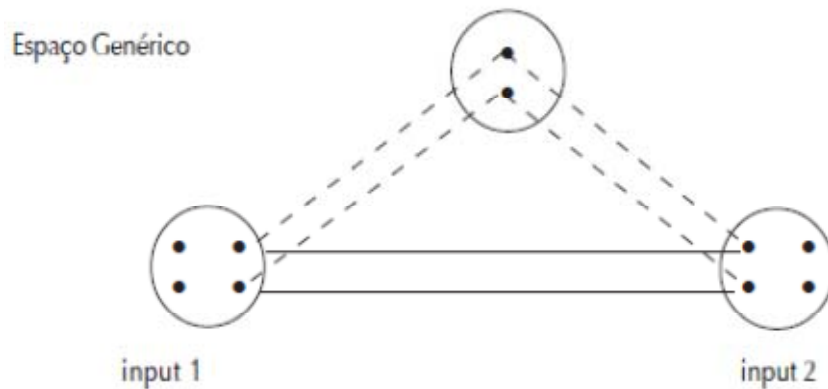


Fonte: FAUCONNIER, 1997

- *Espaço genérico*: é alavancado pelos espaços de input e contém o que os inputs têm em comum em qualquer momento do desenvolvimento da rede de integração conceptual. Não é necessário que todos os elementos dos inputs sofram projeção para que se forme o espaço genérico e se torne possível a *mescla*, como ilustra a figura 2:

⁴ Os diagramas utilizados na presente subseção são transpostos de FAUCONNIER (1997, p. 150-51).

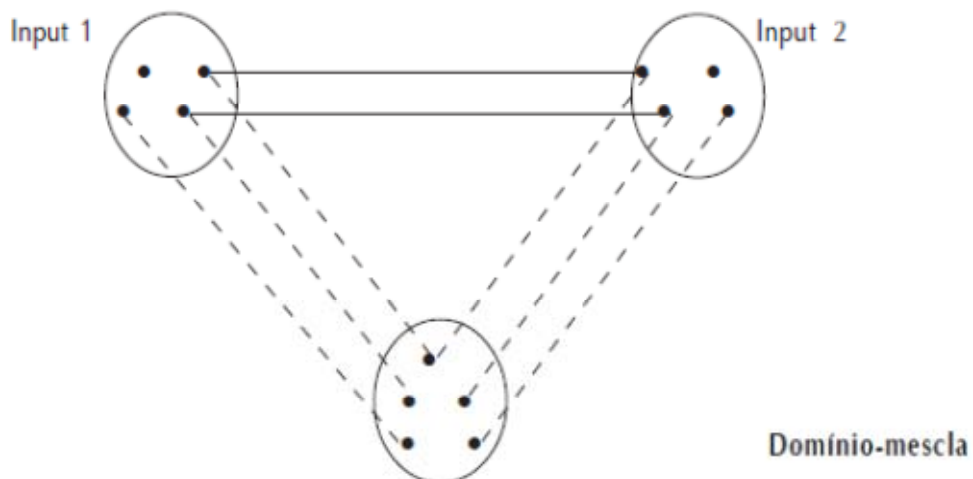
Figura 2- Espaço Genérico



Fonte: FAUCONNIER, 1997

- *Espaço mescla*: espaço que emerge a partir da projeção parcial de partes dos *inputs* e do espaço genérico. Podem ser projetados elementos que eram contrapartes ou não. Tais partes são comprimidas em um só espaço, a mescla, tendo como contribuição projeções de partes distintas de cada um dos espaços contribuintes, como ilustra a figura 3:

Figura 3- Espaço Mescla

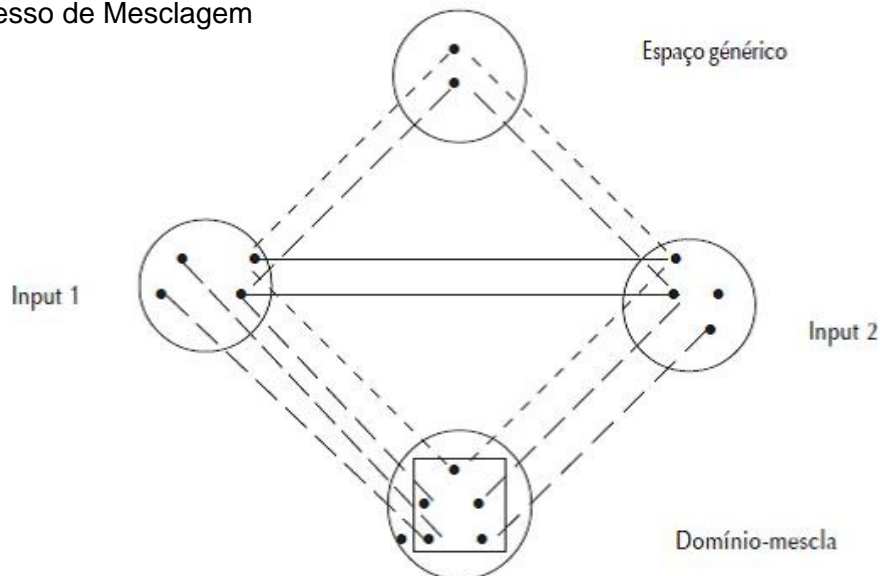


Fonte: FAUCONNIER, 1997

- *Estrutura emergente*: a mescla tem estrutura emergente, não dada pelos inputs, e sim formada por contribuição deles.

A figura 4 mostra, de forma esquemática, os quatro componentes do processo de mesclagem: os inputs, o espaço genérico, o espaço mescla e sua respectiva estrutura emergente:

Figura 4- Processo de Mesclagem



Fonte: FAUCONNIER, 1997

De acordo com FOUCONNIER apud BERNARDO (2011), o aspecto mais importante é que o espaço mesclado mantém-se conectado aos *inputs*, para que essas propriedades estruturais do espaço mesclado possam ser mapeadas, quando refletidas de volta sobre os *inputs*.

Qualquer espaço pode ser modificado em qualquer momento da construção da rede de integração. Isso ocorre porque o significado não é construído em nenhum dos espaços especificamente, mas reside na reciprocidade dos arranjos elaborados e suas respectivas conexões. Por isso, a ordem dessas projeções pode ser reorganizada a todo o momento. Os espaços e os domínios cognitivos podem sofrer mudanças, formando, dessa forma, novos espaços-mescla antes não previstos e também provocando transformações naqueles já previstos.

Ainda segundo FOUCONNIER apud BERNARDO (2011), as mesclagens costumam ser geradas *online*, mas requerem acionamento de projeções e *frames* já armazenados (entrenchados – *entrenchment*). Uma vez criada, a mescla pode se tornar uma rotina cognitiva fixa, armazenada, com potencial para se tornar o *input* de outro processo de integração conceptual.

Para exemplificar a configuração de uma mesclagem conceptual, utilizamos o Exemplo 2, com a palavra *açúcar*, retirada do excerto abaixo, linha 19.

Exemplo 2:

12.	P2	13.	[Jacó não tá aí não? Jacó não tá aí não?
13.	P1	14.	Pô, Jacó não tá qui não °cara°
14.	P2	15.	Pô, eu quiria desenrolá um papu cum eli, uma para aí qui tá prá passá pra eli, bichu.
		16.	
15.	P1	17.	Era u que qui é?
16.	P2	18.	Um material.
17.	P1	19.	Material di que? (.) Açúcar?
18.	P2	20.	É é é.
19.	P1	21.	<Mas> Cês tã cum a amostra aí?
20.	P2	22.	Tá pô, claru.

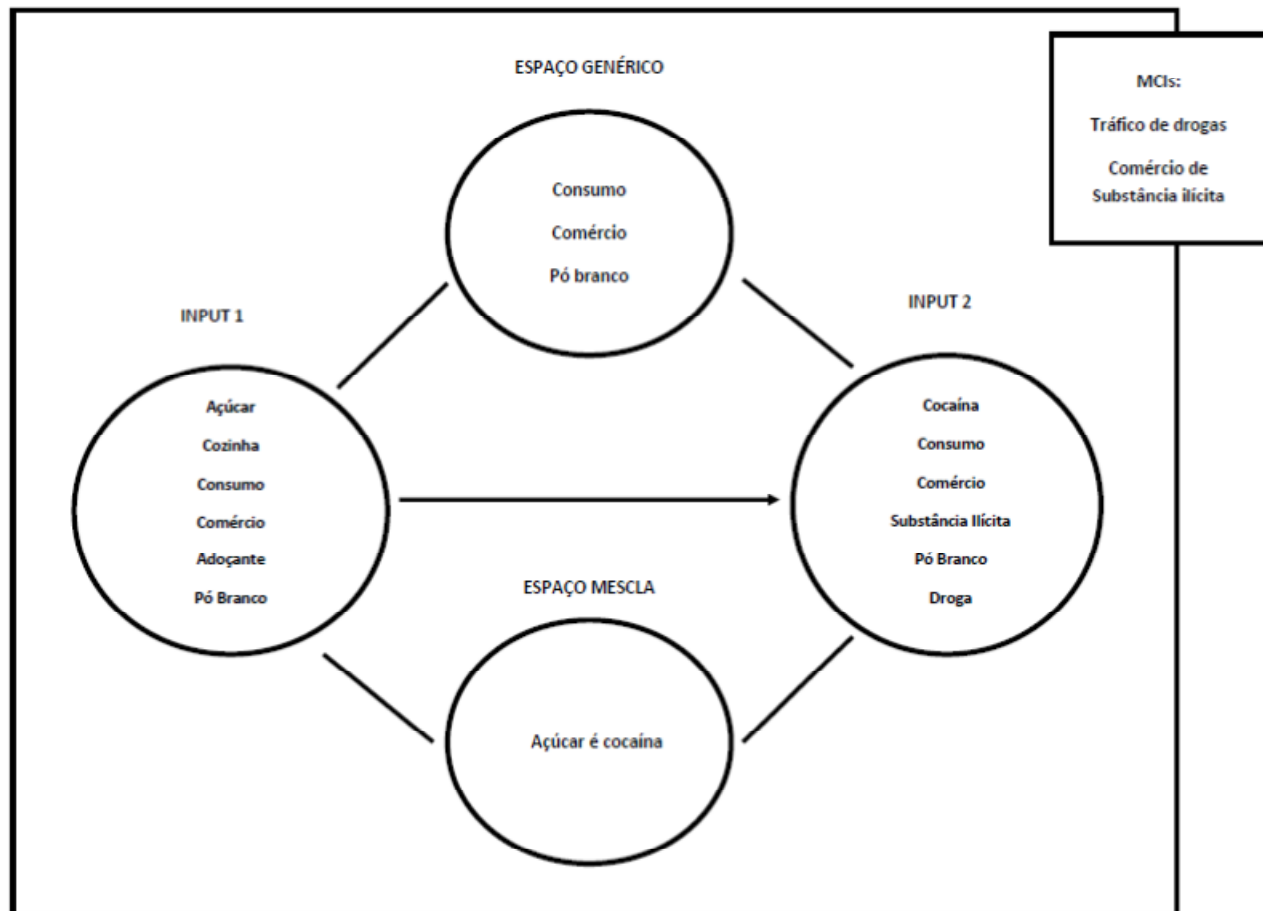


Figura 5- Mescla AÇÚCAR É COCAÍNA

Como *input 1* observam-se atributos mais prototípicos de *açúcar* e como *input 2* tenho os atributos de *cocaína*. Foram os introdutores de espaços mentais 'material' e 'amostra', linhas 18 e 19, respectivamente, que forneceram pistas contextuais e permitiram a abertura de um outro espaço mental, o de *açúcar* como *cocaína*.

No *espaço genérico*, encontramos o que há em comum entre os *inputs 1 e 2* e, por último, a formação do *espaço mescla*, conceito que será retomado na análise do corpus.

1.6 Considerações Finais

Neste capítulo, foi feita uma contextualização inicial da área em que se insere este trabalho, delineando-se os princípios da Semântica Cognitiva a fim de relacionar tal arcabouço ao estudo da polissemia e da vagueza lexical, juntamente com o fenômeno da mesclagem conceitual. Em seguida, passamos ao capítulo metodológico e à análise do corpus.

2 CAPÍTULO 2 METODOLOGIA

Este capítulo inicia-se pela apresentação do enfoque metodológico adotado, para, em seguida, serem feitas considerações sobre o corpus, os seus critérios de constituição e a sua descrição. Na parte final do capítulo, são apresentadas considerações sobre a interceptação de conversas telefônicas e os procedimentos analíticos utilizados.

2.1 Natureza do Enfoque Metodológico Adotado

Esta pesquisa é de natureza qualitativa em função dos seguintes traços, de acordo com Bodgan e Biklen (1981 apud LÜDKE E ANDRÉ, 2001, p. 11): a) trata-se de uma pesquisa voltada para o levantamento de dados descritivos; b) caracterizada pela adoção de um método analítico indutivo, que tem como ponto de partida os dados levantados; c) toma o ambiente natural como fonte direta dos dados e o pesquisador como seu principal instrumento; d) e, finalmente, tem o processo de produção de sentidos como foco principal da atenção do pesquisador.

Temos como objetivo principal, nesta dissertação, estudar estratégias de indeterminação de itens lexicais em um corpus de conversas telefônicas interceptadas, a partir de um quadro teórico que considera a produção de sentido como um processo cognitivo dependente do contexto. Para atender a essa finalidade, conduziremos uma reflexão que possui como base teórica a Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados, proposta, em 1987, pelo linguista cognitivo George Lakoff, e utilizamos como unidade de análise o conceito de mesclagem conceptual (*blending*), desenvolvido por Gilles Fauconnier (1997).

Esse objetivo geral desdobra-se nos seguintes objetivos específicos: a) proceder à transcrição das conversas telefônicas interceptadas, a partir de determinado modelo teórico da Análise da Conversa pertinente à análise a ser desenvolvida no desenho desta pesquisa; b) encontrar parâmetros analíticos na Linguística Cognitiva que possibilitem a investigação do fenômeno da

indeterminação de sentidos no corpus. Para atender a esses objetivos, foram formuladas as seguintes questões de pesquisa:

a) que estratégias de indeterminação de sentido são mais frequentemente usadas nestas conversas?

b) que elementos do contexto e do cotexto (contexto gramatical imediato) permitem a delimitação do sentido do item lexical em determinada conversa?

c) como funcionam, no corpus, as estratégias de indeterminação de sentido e de que forma elas contribuem para sustentar determinado tipo de relação interpessoal?

O primeiro passo deste estudo consiste na contextualização do corpus escolhido, conversas telefônicas interceptadas de atores sociais envolvidos com tráfico de armas e drogas, sequestro e extorsão. Em um segundo momento, nos dedicamos à análise tomando como base as teorias discutidas nos capítulos anteriores, abordando especialmente os conceitos de polissemia e vagueza, levando em consideração que estamos no âmbito de uma projeção que possui base experiencial, a partir de um MCI em um domínio para um MCI em outro domínio, à luz do conceito de mesclagem conceptual.

Numa primeira fase, pautada em uma análise individual dos itens lexicais, selecionamos aqueles considerados polissêmicos e vagos. As palavras polissêmicas e as vagas serão analisadas a partir dos seguintes conceitos assumidos: casos de polissemia quando um único item lexical que possui sentidos diferentes e todos esses sentidos distintos estão relacionados e advêm de um mesmo sentido primário; vagueza quando itens lexicais abstratos apenas apresentam significado dentro de um contexto.

Na segunda fase analítica, concentramos nossos estudos no propósito comunicativo dos atores sociais e sua influência nos processos de mesclagem conceptual e de construção de sentido.

Como terceiro passo, propomos uma análise intercategorial, verificando a ocorrência de polissemia e vagueza lexical, tendo a mesclagem conceptual como unidade de análise.

2.2 Critérios na Constituição do Corpus

O primeiro critério na constituição do corpus foi orientado pela demanda apresentada à Coordenadoria de Segurança e Inteligência (CSI) do Ministério Público do Rio de Janeiro. Em entrevista com as fonoaudiólogas peritas Maria do Carmo Gargaglione e Mônica Azzariti, foi solicitado àquela Coordenadoria através de uma carta intitulada “Solicitação de Autorização para Pesquisa Acadêmico-Científica” o acesso a conversas telefônicas interceptadas de indivíduos envolvidos com tráfico de drogas. O CSI então disponibilizou um conjunto de 22 conversas de uma operação policial que ocorreu no ano de 2006. Em acordo com o CSI, o nome da operação policial e o nome dos participantes envolvidos não serão revelados. As conversas foram salvas em um pendrive de 2GB da marca Kingston, ouvidas através do programa Windows Media Player e transcritas no Microsoft Word 2010.

A escolha das conversas deu-se em função da qualidade sonora das gravações e, a partir desse critério, das 22 gravações fornecidas pela Coordenadoria de Segurança e Inteligência do Ministério Público do Rio de Janeiro, 10 conversas foram transcritas para proceder à análise qualitativa do uso da polissemia e da vagueza lexical.

2.3 Apresentação do Corpus

O corpus é constituído por conversas telefônicas interceptadas durante o ano de 2006 com autorização judicial e cedidas para esse estudo pela Coordenadoria de Segurança e Inteligência do Ministério Público do Rio de Janeiro.

Com relação aos 10 diálogos transcritos, cada conversa apresenta de 2 a 3 interlocutores e possui duração variável. A numeração original referente a cada diálogo foi mantida.

Diálogo	Duração	Nº de Participantes
1	03'01''	2
2	23''	2
3	02'06''	2
4	09'53''	3
6	01'31''	2
7	01'31''	2
8	01'27''	2
9	52''	2
61	46''	2
77	03'08''	2

2.4 Histórico da Interceptação Telefônica

No dia 24 de julho de 1996, entrou em vigor a lei nº 9.296, que regulamenta a interceptação de comunicações telefônicas para fins de investigação criminal e instrução processual penal.

As interceptações telefônicas são utilizadas como um instrumento no combate ao crime sob todas as suas formas, sequestro, tráfico, extorsão, assalto, etc. São analisadas com o objetivo de identificar os falantes presentes nas gravações telefônicas e o conteúdo das conversas.

A identificação de falantes vem sendo utilizada em processos civis e criminais como prova judicial e consiste em uma investigação científica pericial para identificar a autoria do material gravado. A pessoa física que possua conhecimentos técnicos e científicos sobre a prova de um fato pode ser um perito.

De acordo com Alberto Filho, “perito é todo homem que tiver comprovada habilitação técnica especializada, com autorização profissional para elucidar sobre um fato objeto de qualquer contenda, seja judicial ou administrativa, desde que com espeque em conhecimentos científicos específicos”. O perito deve atender ao que consta no artigo 145 do Código de Processo Civil (CPC): “Quando a prova do fato

depende de conhecimento técnico ou científico, o juiz será assistido por perito, segundo o disposto no artigo 421.

§ 1º Os peritos serão escolhidos entre profissionais de nível universitário, devidamente inscritos no órgão de classe competente, respeitado o disposto no capítulo VI, seção VII, deste Código.

§ 2º Os peritos comprovarão sua especialidade na matéria sobre que deverão opinar, mediante certidão do órgão profissional em que estiverem inscritos.

§ 3º Nas localidades onde não houver profissionais qualificados que preencham os requisitos dos parágrafos anteriores, a indicação dos peritos será de livre escolha do juiz”.

A perícia de voz, utilizada em processos civis e criminais como prova judicial, consiste em uma investigação científica pericial para identificar a autoria do material gravado. É um procedimento que pode ser realizado por profissionais que comprovem conhecimento nas áreas da sintaxe, da semântica, morfologia, lexicologia, dialetologia, sociolinguística, da psicolinguística, além da fonética articulatória e da fonética acústica, dentre outras. Tais áreas contribuem para a comparação do material falado e possível identificação do falante.

Para a realização da perícia, é necessário que um material sonoro seja comparado a outro. Assim, o perito utiliza arquivos oriundos da mesma interceptação, onde o interlocutor se identifica, ou coleta uma amostra de fala pertencente ao réu a ser investigado e compara essa amostra com a conversa telefônica que foi interceptada. O perito analisa diversas características de voz, fala e linguagem, objetivando descobrir se a identidade do falante dos materiais sonoros é a mesma.

As conversas telefônicas analisadas neste trabalho fazem parte das interceptações telefônicas realizadas em uma Operação que aconteceu no ano de 2006 durante oito meses. A investigação foi sobre angolanos refugiados que estariam treinando traficantes no uso de armas e táticas de guerrilha na Favela do Muquiço, em Guadalupe, no subúrbio do Rio de Janeiro. De acordo com o site Globo.com, a Polícia Federal descobriu o envolvimento de 77 policiais militares com tráfico de armas e drogas, sequestro e extorsão. Nessa operação, a própria Polícia Militar prendeu 75 dos acusados.

O *corpus* constituído de conversas telefônicas interceptadas de indivíduos envolvidos com tráfico de armas e drogas, sequestro e extorsão foi solicitado à Coordenadoria de Segurança e Inteligência (CSI) do Ministério Público do Rio de Janeiro.

O objetivo desse trabalho será descrever o uso de palavras polissêmicas e vagas, presentes nas conversas interceptadas, tendo como base o conceito de mesclagem conceptual.

2.5 Procedimentos Analíticos

Como procedimento analítico, em primeiro lugar, realizei a escolha das conversas em função da qualidade sonora das gravações e a partir desse critério, das 22 gravações fornecidas pela Coordenadoria de Segurança e Inteligência do Ministério Público do Rio de Janeiro, 10 conversas foram transcritas para proceder à análise.

A prática das transcrições permitiu-me entrar em contato com o contexto presente nos diálogos e perceber, do ponto de vista sociocognitivo o que acontecia de recorrente no *corpus*. Durante a execução das transcrições, comecei a traçar meu plano de análise, que se deu de forma indutiva, a partir dos dados, como requer um dos princípios da Análise da Conversação e de análises qualitativas.

As transcrições das conversas telefônicas seguiram as convenções de Gail Jefferson (2004), conforme tabela abaixo. Porém não foi necessário o uso de determinadas convenções, tais como:

- (número entre parênteses) para indicar o tempo de silêncio em segundos: esta convenção não foi utilizada, pois os interlocutores não realizavam pausas longas. Já que tratavam de assuntos ilícitos, grande parte dos interlocutores falavam rápido utilizando apenas as micro pausas, visando encerrar o mais rápido possível a conversa.
- ((parênteses duplo)) para descrever atividade não-vocal: esta convenção também não foi utilizada já que o *corpus* é constituído por conversas telefônicas.

.	(ponto final)	entonação descendente
?	(ponto de interrogação)	entonação ascendente
,	(vírgula)	entonação de continuidade
-	(hífen)	marca de corte abrupto
::	(dois pontos)	Prolongamento do som
<u>Nunca</u>	(sublinhado)	silaba ou palavra enfatizada
PALAVRA	(maiúsculas)	fala em volume alto
°palavra°	(sinais de graus)	fala em voz baixa
>palavra<	(sinais de maior do que e menor do que)	fala acelerada
<palavra>	(sinais de menor do que e maior do que)	fala desacelerada
Hh	(série de h's)	Aspiração ou riso
.hh	(h's precedidos de ponto)	Inspiração audível
[]	(colchetes)	fala simultânea ou sobreposta
=	(sinais de igual)	Elocuções contíguas
(2,4)	(números entre parênteses)	medida de silêncio (em segundos e décimos de segundos)
(.)	(ponto entre parênteses)	micropausa, até 2/10 de segundo
()	(parênteses vazios)	segmento de fala que não pôde ser transcrito
(palavra)	(segmento de fala entre parênteses)	Transcrição duvidosa
((olhando para o teto))	(parênteses duplos)	descrição de atividade não-vocal

Normas de Transcrição: Sistema Gail Jefferson, 2004.

Em segundo lugar, após a transcrição das 10 conversas telefônicas e seguindo o pressuposto da Análise da Conversação, realizei uma análise indutiva identificando as práticas recorrentes. Como prática, observei em todo o corpus o uso de um léxico não transparente. Em seguida, classifiquei tal léxico não transparente de duas formas: como itens lexicais vagos e como itens lexicais polissêmicos criados a partir de extensões metafóricas. Na etapa subsequente, realizei uma análise qualitativa e tomei como unidade de análise o conceito de mescla.

Nossa hipótese de trabalho é que o uso da polissemia e de itens lexicais vagos é característico desse tipo de conversa telefônica, já que esses itens aparecem com uma recorrência regular, em um número superior a outros tipos de itens lexicais.

Uma vez verificada a recorrência da polissemia, procedeu-se ao exame qualitativo das palavras polissêmicas à luz do conceito de mescla (FAUCONNIER e TURNER, 2002), visando a entender como esse processo ocorre cognitivamente. No que diz respeito à vagueza lexical, os parâmetros analíticos foram: a) identificação do item lexical vago, seguida de b) delimitação do sentido que tem o

item lexical vago, em determinada situação de uso, a partir de pistas no contexto gramatical imediato em que ocorre.

2.6 Considerações finais

Neste capítulo, foram apresentados os eixos mais importantes na costura metodológica desta pesquisa, assim organizados: natureza do enfoque metodológico; critérios na constituição do corpus; descrição do corpus e procedimentos analíticos. Foram feitas ainda considerações sobre ética na pesquisa, pertinentes ao trabalho aqui apresentado, visto que o material de análise é produzido por sujeitos de pesquisa em situação de confinamento e os dados são de natureza sigilosa.

3 CAPÍTULO 3 ANÁLISE DO CORPUS

Neste capítulo, de natureza analítica, são apresentados fragmentos da análise desenvolvida neste trabalho, bem como a discussão dos resultados obtidos através dessas análises. Ele está organizado da seguinte forma: inicialmente, apresenta-se uma listagem dos principais itens lexicais que serão alvo da análise aqui apresentada. Em seguida, cada seção aborda um fragmento de conversa onde se dá a ocorrência do item lexical polissêmico ou vago, dependendo do excerto exposto, e mostra como se dá a construção do significado de cada palavra através do processo de mesclagem conceptual. Na parte final do capítulo, são feitas considerações mais abrangentes sobre o conjunto do corpus e seus traços principais.

3.1 Recortando o Corpus

Nesta seção, inicio o processo de análise do corpus, assumindo que a existência da polissemia parece estar relacionada a um processo cognitivo mais amplo, o da mesclagem conceptual. A mesclagem (*blending*), como visto no capítulo 1, é um processo cognitivo que opera sobre múltiplos espaços mentais e um espaço genérico, para projetar sentido no espaço mescla.

De acordo com CHIAVEGATTO (2009), os significados projetados na *mescla* – espaço transitório de organização dos itens importados dos espaços mentais de origem – estabelecem relações de parte e contraparte no novo contexto, herdando aspectos dos significados de origem, mas incorporando novas significações. Por isso é um espaço único, com características próprias.

Como nos diz Turner (2002), a mesclagem é decorrente do re-arranjo das projeções efetuadas com a situação comunicativa em que ocorrem. É uma compressão das informações presentes nos espaços mentais ativados durante o processamento do discurso e acontecem o tempo todo na atualização de saberes na vida social.

Abaixo listamos os principais itens lexicais selecionados para a análise:

- (1) AÇÚCAR
- (2) CARGA DA CANETA
- (3) PENTE
- (4) PÓ
- (5) BAGULHO
- (6) PARADA
- (7) MATERIAL
- (8) NEGÓCIO
- (9) PRODUTO

Esse recorte foi feito após levantamento de elementos lexicais recorrentes que remetem ao código restrito de que lançam mão os interlocutores. Eles recorreram tantas vezes que se tornaram práticas de linguagem no contexto analisado. Em situações de conversa onde o assunto é ilícito, os interlocutores lançam mão de estratégias linguísticas utilizando códigos para que pessoas fora do grupo envolvido não consigam decifrar o tema da conversa. Durante a transcrição das conversas telefônicas, foi observado o uso da polissemia, emergente das práticas sociais, e de itens lexicais vagos, como a principal estratégia linguística.

3.2 Análise da Polissemia Encontrada no Corpus

A análise da polissemia será conduzida a partir das expressões em que os itens polissêmicos ocorrem.

3.2.1 'Material de que? Açúcar?'

Nesta subseção, aborda-se o item lexical 'açúcar' e busca-se descrever o uso polissêmico do termo, assim como o processo cognitivo através do qual o mesmo projeta, na conversa em discussão, a mesclagem conceptual que ativa a polissemia. O excerto 1 representa apenas uma ocorrência de uso de 'açúcar', que ilustra o fenômeno da polissemia no corpus:

Excerto 1

Turno	Participante	Linha	Fala
1.	ST	1.	Alô.
2.	PM	2.	Oi, é u Sagaz?
3.	ST	3.	Eli num si encontra não, manu
4.	PM	4.	Quem é? É o Jacó?
5.	ST	5.	Né não, é u amigo qui tá falandu aqui. Dá u papu aí, quem tá falandu?
6.	PM	6.	É u Cebola.
7.	ST	7.	Qual é Cebola? Fala tu.
8.	PM	8.	E aí? Minha a parada?
9.	ST	9.	(Só mais tarde) () em sintonia hoji?
10.	PM	10.	Vem cá () de praça hoji. Vem cá, a qui horas?
11.	ST	11.	Qui [horas?
12.	PM	12.	[Jacó não tá aí não? Jacó não tá aí não?
13.	ST	13.	Pô, Jacó não tá qui não "cara"
14.	PM	14.	Pô, eu quiria desenrolá um papu cum eli, uma para aí qui tá prá passá pra eli, bichu.
15.	ST	15.	Era u que qui é?
16.	PM	16.	Um material.
17.	ST	17.	Material di que? (.) Açúcar?
18.	PM	18.	É é é.
19.	ST	19.	<Mas> Cês tão cum a amostra aí?
20.	PM	20.	Tá pô, claru.
21.	ST	21.	É:: ondi qui vocês tão?
22.	PM	22.	Aí, dêxa eu falá cum u Jacó, Jacó tá du teu ladu aí. Eu sei qui eli tá aí pô.
23.	ST	23.	Não é eli qui tá aqui não, braçu. Papu retu.
24.	PM	24.	Cadê eli manu?
25.	ST	25.	Caralhu essa mina é muito gostosa malucu.
26.	PM	26.	Al:: MALUCO?
27.	ST	27.	Ahn? Fala manu.
28.	PM	28.	Telefoni tá aí? Telefoni?
29.	ST	29.	Continua aqui u telefoni.
30.	PM	30.	Não, tô falandu. Quandu:: dá pra tu ligá pra mim não?
31.	ST	31.	Quando eli tive aí não?
32.	PM	32.	Tá então, já é então.
33.	ST	33.	Pedi pra eli liga pra mim pra desenrolá essi papu.
34.	PM	34.	(tensão) já é. Qual u preço qual u preço du du açúcar?
35.	ST	35.	Vamu combiná, vamú combuná primêru.
36.	PM	36.	Já é, já é, valeu. (.) Produto é bom é bom?
37.	ST	37.	Claru, di entortá u quêxu.
38.	PM	38.	Já é a:::: valeu. Valeu então já é.
39.	ST	39.	Valeu?

Na linha 19, podemos observar uma nova construção discursiva a partir do item lexical *açúcar*. O excerto 1 ativa dois MCIs pré-existentes.

MCI AÇÚCAR
Consumo
Comércio
Pó Branco
Cozinha
Adoçante

MCI COCAÍNA
Consumo
Comércio
Pó Branco
Substância ilícita
Droga

Os MCIs AÇÚCAR e COCAÍNA estruturam os espaços mentais que entram em cena no processo de mesclagem da seguinte forma, os atributos do MCI

AÇÚCAR estabelecem relações de parte e contraparte com o domínio *cocaína*, tendo em vista que o perspectivador é um policial envolvido com venda de substâncias ilícitas e o outro interactante é um traficante.

É a partir de atributos do MCI COCAÍNA e do MCI AÇÚCAR que os espaços genérico e de *input* são ativados. Esses espaços estabelecem relações entre si, dado o contexto de tráfico de drogas e um novo espaço emerge. O novo espaço herdou parcialmente os significados de partida, *açúcar*, mas ganhou um novo sentido com as relações que foram processadas na nova situação em que foi empregado.

Na projeção entre os espaços de input e genérico, a partir de atributos dos domínios de *açúcar* e *cocaína*, houve uma correspondência de partes presentes no espaço genérico, as duas substâncias são comercializadas, consumidas e possuem a mesma característica física (pó branco). E a partir das relações que se processaram no contexto, um novo espaço de significação foi construído, o de *açúcar* como *cocaína*, uma compressão de informações presentes nos espaços mentais ativados.

As projeções entre os espaços de input e genérico, que dão origem a mesclagem conceptual encontram-se ilustradas na figura 5. Nela observamos uma moldura comunicativa, um espaço genérico constituído por atributos comuns aos espaços de input e um espaço mescla que recebe uma projeção seletiva dos elementos dos espaços de inputs 1 e 2 e do espaço genérico, dando origem a um novo sentido à palavra *açúcar*.

Nesse caso, consideramos *açúcar* um item lexical polissêmico, já que como vimos na seção 1.3 desse estudo, classificamos uma palavra como polissêmica quando um único item lexical possui sentidos diferentes e todos esses sentidos distintos estão relacionados e advêm de um mesmo sentido primário, pó branco.

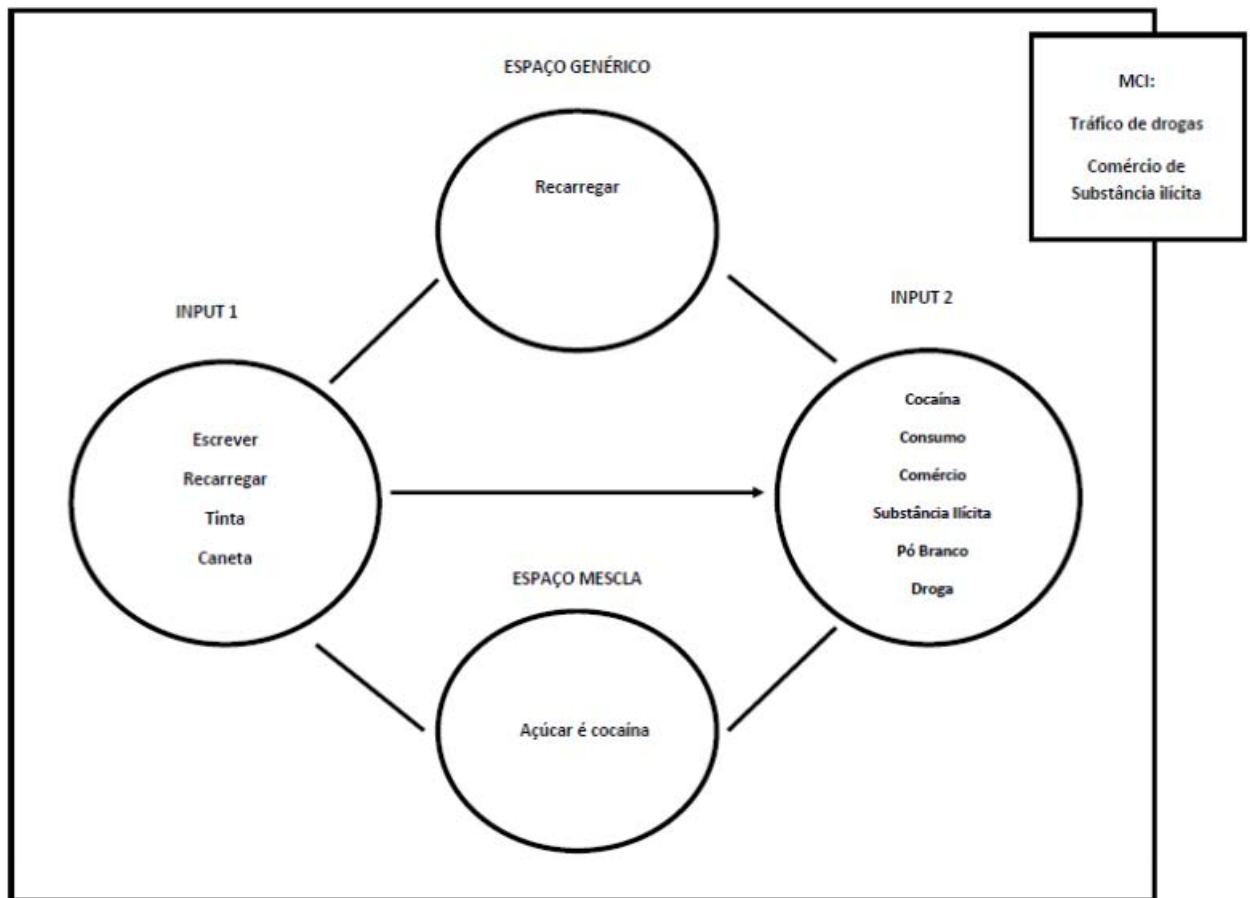


Figura 5- Mescla AÇÚCAR É COCAÍNA

Destaca-se, na Figura 5, a projeção seletiva de elementos dos dois inputs e do espaço genérico, configurando um novo domínio semântico para 'açúcar'. Em seguida observamos um outro fragmento semelhante, que representa o uso de 'açúcar' a partir dos mesmos princípios descritos⁵:

Paulistinha diz: "Faz o seguinte, troca uma ideia com o RG. Fala que o carro que eu arrumei quebrou. O que eu peguei não coube nada. Como foi 17 de açúcar (cocaína), deixa oito pro RG. O óleo (haxixe) você solta 11 para ele e fica com cinco, tá?".

Podemos observar o uso da mesma estratégia discursiva presente no corpus dessa dissertação, a polissemia do item lexical *açúcar*. De acordo com o site do

⁵ O fragmento acima foi retirado do site: <http://extra.globo.com/casos-de-policia/>

jornal, o significado *cocaína* foi atribuído à palavra *açúcar*. Como ambas as substâncias assemelham-se fisicamente, pó branco, a utilização da palavra *açúcar* parece ser uma prática no contexto do tráfico de drogas.

3.2.2 'Essa parada das carga da:: das caneta aí'

Nos excertos 2 e 3, a seguir, introduz-se o item lexical 'carga da caneta', que, nesta pesquisa, também emergiu como uma prática de linguagem instanciada polissemicamente.

Excerto 2

Turno	Participante	Linha	Fala
1.	P3	1.	Fala aí mano.
2.	P4	2.	Fala aí mano. Não é o () que tá falando não, mas é outro amigo
		3.	aqui qui tu desenrola tãém.
3.	P3	4.	A então parcêro ele pô já dei o papo a ele si vai querê o
		5.	negócio se não vai.
4.	P4	6.	Mas tipo assim mano como é que vai sê essa forma de
		7.	pagamento aí. Que ele pediu pa mim perguntá?
5.	P3	8.	Pô é o qui eu tô te falando cara ele até falô pra mim que
		9.	chegô a me dá um () na na semana, mas esse bagulho aí pô
		10.	ele sabe que minha equipi são três três galera entendeu?
6.	P4	11.	Hum=
7.	P3	12.	=Pô qué dizê é gente pra caralho porra pra pra desenrolá
		13.	o partido.
8.	P4	14.	Tô ligado=
9.	P3	15.	=Tinha que sê pa pum mano.
10.	P4	16.	É o que qui tem aí?
		17.	[]
11.	P3	18.	[Ele disse qui viu] – Olha só ó eu:: é um:: é um:: é um
		19.	G (.)
12.	P4	20.	Hum.
13.	P3	21.	E duas 9.
14.	P4	22.	Essas duas 9 tá quanto?
15.	P3	23.	Pô parcêro, nas duas aí (.) a gente qué quatro e meio.
16.	P4	24.	E no G?
17.	P3	25.	No G a gente qué vinte e cinco.
18.	P4	26.	Amanhã vocês pode baxá aí pa nós fechá esse negóço?
19.	P3	27.	Pô mas olha só, esse bagulho aí tinha qui tê visto hoje, dá
		28.	uma resposta aí, poquê amanhã quando fô meio dia (.) tem
		29.	um tem um outro pessoal aí do mesmo time aí de vocês aí
		30.	que já tá já na fita pra apanhá parcero.
20.	P4	31.	Mas então, vê essa parada das duas 9 pelo menos.
21.	P3	32.	Pô, mas tem qui u:: u bagulho tem qui do dia tem que () até
		33.	as 10, 11 hora tem que me liga cumpadi.
22.	P4	34.	Então, 11 hora assim eu te ligo pá ti dá uma certeza.
23.	P3	35.	Tá beleza. E ó vô fazê o seguinte mano aí tem qui -[
24.	P4	36.	[Vô dá só
		37.	um -
25.	P3	38.	Tem que pegá um um braço aí qui vai segui no ca- no no
		39.	destino comigo aí, entendeu?
26.	P4	40.	Se marcá vai sê até aquela mermo amigo qui foi aí vê essa
		41.	parada das carga da:: das caneta aí.
27.	P3	42.	(Trancão). Mas tem qui manda ele já com a moeda ele vai até
		43.	lá no destino comigo aí chegô lá ele viu lá pá pum e a gente já
		44.	entrá porque não tá perto não, tá um pouquinho longe,
		45.	entendeu mano?

Excerto 3

28.	P4	46.	Demora pô causa qui o G3 não acho qui não tá numa
		47.	condição de pagá não, tá ligado?
29.	P3	48.	Não, tá tranquilão então já é pô.
30.	P4	49.	Já é, mas assim qui aparecê mermo mané, essa 9 vai interessá
		50.	nós, tá ligado? Essas[duas 9
31.	P3	51.	[Então, aproveita essi bagulho
		52.	então aí uma uma 11 hora tu me liga qui aí, entendeu?
32.	P4	53.	Já é, já é.
33.	P3	54.	Já é?
34.	P4	55.	Si dá vô até ti liga antes.
35.	P3	56.	Tá beleza então, qui aí vô entrá em contato com o Cabeça,
		57.	qui o Cabeça que tá na resposta do bagulho=
36.	P4	58.	=Mas aí se liga, pelo menos não pode sê meio a meio?
37.	P3	59.	Pô tem qui sê pa pum.
38.	P4	60.	Não, assim (.) posso ti dá dois e meio e em cerca di três,
		61.	quatro dia nós já vai ti dá os ôtro dois.
39.	P3	62.	Mas olha só não mano. O bagulho é o seguinte, o Cabeça já já
		63.	tá aqui agora também trabalhando aí com a equipe dele aí,
		64.	entendeu? A minha equipe já já são três galera, entendeu?
		65.	Três, três barca.
40.	P4	66.	Se liga, quantos quantos pente que tem na nas 9?
41.	P3	67.	Cada um tá com um.
42.	P4	68.	Só um só?
43.	P3	69.	É, cada um tá com um.
44.	P4	70.	Não tem como quebrá não? Quatro?
45.	P3	71.	Pô parceiro. Eu já tô quebrando meio. Eu queria cinco cinco
		72.	merréis e o cara já falô qui::[()
46.	P4	73.	[É tava (passando) dois e
		74.	meio cada uma?
47.	P3	75.	É isso aí. Aí eu [botei por quatro e meio pra fortalece,
		76.	entendeu? Eu só tô fortalecendo você pô=
48.	P4	77.	[É o que, cz? (...) =Tá vendo pô?
49.	P3	78.	Entendeu? Vem um [bagulho hoje aí lá no lá no () time aí-
50.	P4	79.	[É:: se liga
51.	P3	80.	Fala aí
52.	P4	81.	É cz?
53.	P3	82.	Fala aí
54.	P4	83.	É cz as 9?
55.	P3	84.	Não não é:: é um um importado aí [é:: um () aí é um:: melhor
		85.	aí, entendeu cumpadi?
56.	P4	86.	[é
		87.	Então, tranquilão. Aí amanhã eu ti dô essi:: eu ti dô um toqui
		88.	aí. Aí tu vai e retorna.
57.	P3	89.	Já é, já é.
58.	P4	90.	Tá, tranquilão.
59.	P3	91.	Tranquilo.

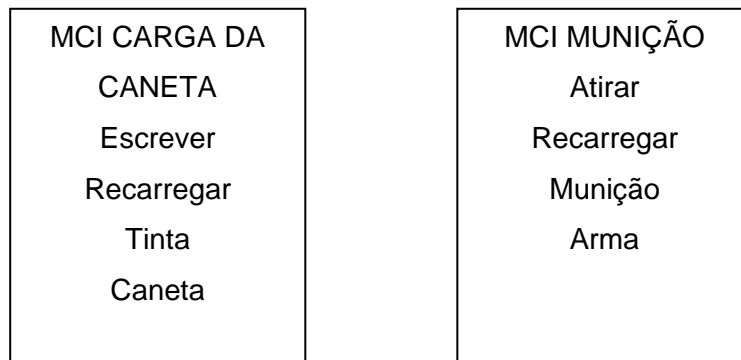
No excerto 3, identificamos o uso de palavras truncadas que dificultam o entendimento do tema principal do diálogo. Nas linhas 18-19, 'Olha só ó eu:: é um:: é um:: é um G (.)', na linha 21 'E duas 9.', na linha 46 'Demora pô causa qui o G3 não acho qui não tá numa condição de pagá não, tá ligado?' e na linha 77 'É o que, cz?'. Membros que não pertençam a essa comunidade linguística teriam dificuldade de compreender a mensagem, então, para que o leitor do presente trabalho possa compartilhar esse conhecimento, exponho no próximo parágrafo sentidos possíveis para os itens utilizados.

A letra G, linha 19 e G3, linha 46, representam o nome do fuzil G3. A título de curiosidade, o fuzil G3 foi bastante usado no mundo pelas Forças Armadas e Forças Policiais, aqui no Brasil ele é o fuzil padrão da Polícia Federal*.

Já o número 9, representa uma pistola de 9 mm e na linha 77, 'É cz?', as letras CZ representam a marca da pistola em questão ⁶.

Diante das explicações acima, assumimos que o assunto do diálogo apresentado é *arma*, a partir disso parto para a análise que interessa a esse estudo.

Na linha 41 do excerto 2, verificamos uma nova construção linguística a partir da expressão *carga das caneta*. Após a leitura dos excertos 2 e 3, ocorre a ativação de dois MCIs pré-existentes.



Os atributos do MCI CARGA DA CANETA passam a estabelecer relações de parte e contraparte com o espaço mental *munição*. Essas relações são estabelecidas graças à moldura comunicativa de compra e venda de armamento e graças ao perspectivador (policial/vendedor) e ao interactante (comprador). A partir dos MCIs CARGA DA CANETA e MUNIÇÃO, o espaço genérico é ativado, armazenando os atributos comuns aos inputs.

⁶ Esta informação foi obtida no site www.forte.jor.br

Para recarregar uma *caneta* com tinta ou para recarregar uma arma com *munição* procedemos de forma semelhante. Podemos dizer que a *caneta* está para a *arma*, assim como a *carga da caneta* está para a *munição*, ambas são introduzidas dentro do objeto principal para fazê-lo funcionar. Para que esta analogia fosse possível, o tema da conversa, arma, serviu como um gatilho, permitindo a correspondência entre os espaços mentais e disparando o processo de mesclagem conceptual, ilustrado na Figura 6.

Dessa forma, consideramos *carga de caneta* uma expressão polissêmica, pois a mesma expressão apresentou sentidos diferentes (carga de caneta e munição) e ambos os sentidos de certa forma se relacionam e estão ligados a um sentido primário, recarregar.

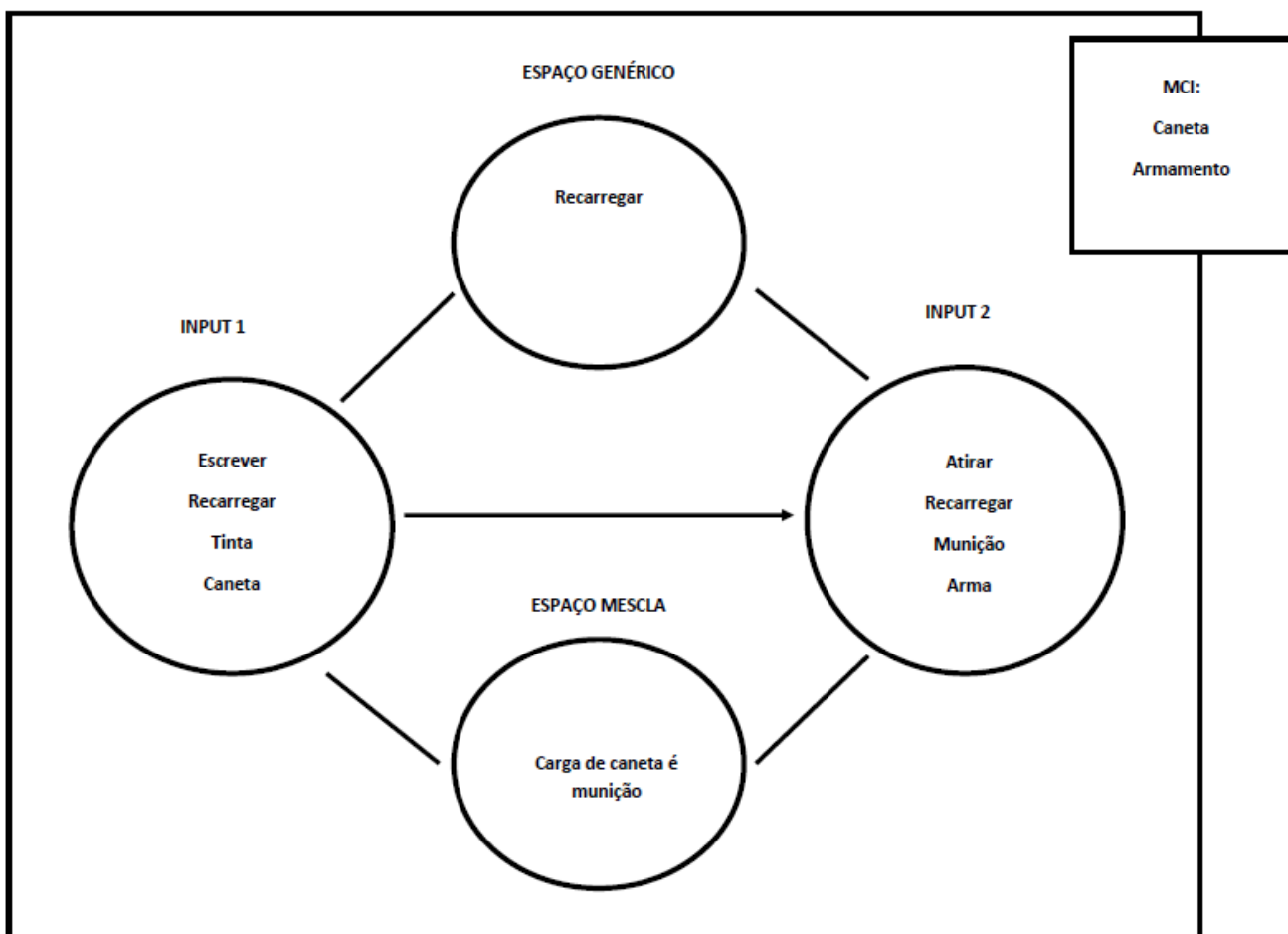


Figura 6- Mescla CARGA DA CANETA É MUNIÇÃO

No espaço representado pelo *input* 1, adicionamos algumas das informações que consideramos formantes e disponíveis sobre o tema *carga de caneta*. Quando lemos o diálogo, importamos as informações armazenadas neste espaço e as projetamos como conhecimentos que temos sobre o espaço mental de *munição*. No espaço genérico encontramos o que há em comum entre *carga de caneta* e *munição*, ou seja, *recarregar*. E no espaço mescla, encontramos o resultado das projeções entre os *inputs*, que estará relacionado ao novo contexto, *carga de caneta* com o sentido de *munição*.

É importante lembrar que os sentidos projetados no *espaço mescla* são transitórios, pois dependem do contexto em questão.

3.2.3 'Se liga, quantos quantos pente tem na nas 9?'

Dando continuidade à análise das palavras polissêmicas encontradas no corpus desse trabalho, apresentamos o excerto 4.

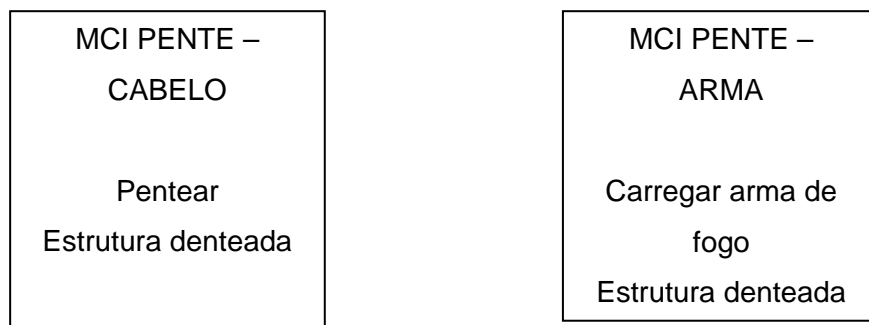
Excerto 4

40.	P4	66.	Se liga, quantos quantos pente que tem na nas 9?
41.	P3	67.	Cada um tá com um.
42.	P4	68.	Só um só?
43.	P3	69.	É, cada um tá com um.
44.	P4	70.	Não tem como quebrá não? Quatro?
45.	P3	71.	Pô parcerero. Eu já tô quebrando meio. Eu queria cinco cinco merréis e o cara já falô qui::[()
		72.	

Nessa parte do diálogo, queremos evidenciar a palavra *pente*, sendo mais um exemplo dentro desse corpus de polissemia.

É de senso comum que o significado mais prototípico da palavra *pente* está relacionado ao objeto utilizado para pentear ou desembaraçar os cabelos, todavia no excerto acima, o item lexical *pente* está associado à palavra *arma*, sendo assim considerado um item polissêmico, pois a mesma palavra apresenta dois significados diferentes, mas que se relacionam já que ambos se referem a uma estrutura denteada.

Para ambas as interpretações temos a formação dos MCIs abaixo:



Cada MCI representado acima apresenta os domínios de conhecimento: *pente para cabelo* e *pente para arma*. Em cada um deles inserimos as atributos que os caracterizam. A partir do contexto do diálogo, importamos as informações dos dois MCIs e realizamos projeções entre elas para construir a interpretação dos enunciados em diferentes domínios, correlacionando-os às informações do contexto comunicativo.

Assim, quando lemos a frase ‘se liga, quantos pente tem na nas 9?’, linha 66, o novo sentido surge a partir de um processo de mesclagem, ganhando um novo sentido a partir das relações que foram processadas na nova situação em que a palavra em questão foi empregada.

Para ilustrar o processo que ocorre cognitivamente, temos a Figura 7:

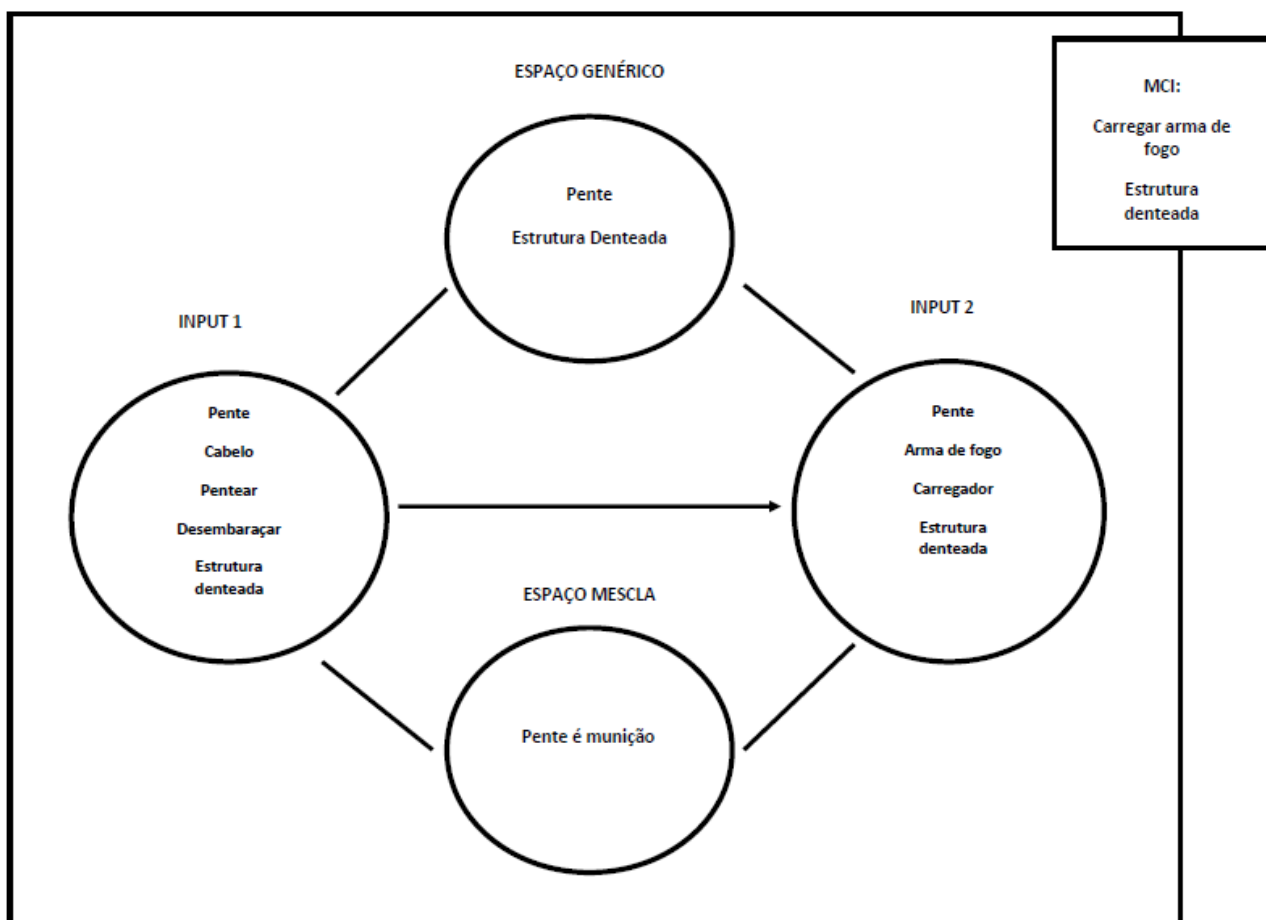


Figura 7- Mescla PENTE É MUNIÇÃO

A partir das projeções entre os MCIs e a formação do espaço mescla, e ainda considerando a moldura comunicativa, conseguimos entender a relação existente entre os sentidos diferentes do item lexical *pente*.

Ambos os objetos apresentam como atributo físico comum uma estrutura denteada e é essa característica física que faz com que os empregos distintos dessa mesma palavra apresente um significado primário comum tornando-a polissêmica.

É devido ao atributo físico que as projeções ocorrem entre os *inputs*, ocasionando a formação do *espaço mescla* e favorecendo a compreensão do diálogo.

3.2.4 'Nós tamu trabalhando manu com um quilu de pó pru final de semana'

Nesta seção, discutimos a polissemia da palavra *pó* encontrada no excerto 5 e utilizada na seção 1.3 deste trabalho, como exemplo.

Como vimos anteriormente, o item lexical *pó*, linha 20, apresenta muitos sentidos, dentre eles: poeira, pó de mico, pó compacto, pó de arroz, pó de guaraná, pó descolorante e cocaína. Esse único item possui muitos sentidos diferentes, porém todos esses sentidos distintos estão relacionados e advêm de um mesmo sentido primário.

De acordo com o dicionário online Aurélio, a palavra *pó* significa qualquer substância sólida pulverizada ⁷. Todos os sentidos relacionados acima compartilham o mesmo significado primário, substância sólida pulverizada; dessa forma, podemos classificar tal item como polissêmico.

⁷ <http://www.dicionariodoaurelio.com/>

Excerto 5

Turno	Participante	Linha	Fala
1.	PM	1.	Alô?
2.	ST	2.	Fala aí meu manu.
3.	PM	3.	Quem é?
4.	ST	4.	É u Estrela "meu cumpadi"
5.	PM	5.	E aí Estrela?
6.	ST	6.	Tranquilidadi meu manu? Tentei contatu cuntigu sabadu aí
		7.	cum várius telefoni i eu não consegui::
7.	PM	8.	Pô:: manu, mas si liga só porque pô vocês entraram em
		9.	sintonia com a genti já du:: dus papu já () final de semana pra
		10.	geral?
8.	ST	11.	Não não entrei porque eu não consegui manu, eu tivi qui fazê
		12.	um bagulho fora aí ()-
9.	PM	13.	Então? O (amiguinhu) di ontem qui mi fortaleceu[() aí]
		14.	[é cara] ()
		15.	eu acabei de fala cum o () eli mi mostrô aqui agora então ta
		16.	dando papu pra geral manu geral ta essa compreensão pra
		17.	renti manu tipu comum manu nós tivemu uma perca aqui ta
		18.	mi entendendu? Morreu dois amiguinhu nossu então u
		19.	bagulho assim, piorô tudu então por causa di que nós tamu
		20.	trabalhando manu com um quilu de pó pru final de semana.
		21.	Tá ligadu? Então o qui qui aconteci? Nós tá trabalhando pra
		22.	vocês ta mi entendendo e pra compra o quilu du pó. Então
		23.	nós tivemu essi apertu aí () ta mi entendendu? Aí o qui
		24.	aconteci manu nós tamu mandandu u papu pra geral aí manu
		25.	si vocês dão () pra renti durante dois mês um quilu di vocês i
		26.	um nossu. Porque? Pra vê si a genti bota firma o pé no chão
		27.	manu porque a genti num tá conseguindo entendeu? Nós
		28.	tamu fazendu sufocu legal pra podê pagá vocês cara nós
		29.	tamu dexando de botá no bolsu tá mi entendendo pá dexá a
		30.	paz qui tá aí. Ta mi entendendu? Então u manu mi mandô
		31.	passa pra vocês essi bagulho ta mi entendendo?
11.	PM	32.	Tranquilidadi manu, mas dêxa eu vê si entendi legal. Comu é
		33.	qui vai fica isso aí?
12.	ST	34.	Então (.) fica (.) então quandu for u casu () geral você podi
		35.	até perguntá u númeru di vocês aí. Semana qui vem vocês
		36.	pega tá mi entendendo?=-
13.	PM	37.	=Aham?=-
		38.	=E nu outru final di semana é o nossu entendeu? Até amanhã
		39.	si firmá botá o ventilado pra girá porque vai melhorá pra renti
		40.	e pra você manu. Pra vocês ligá e falá assim pô:: (.) () num
		41.	vai tê comu vocês falá qui num tem porque nós vamu tê pô
		42.	nós vamu botá u bagulhu pra frenti porque a genti vai andá
		43.	tá entendendu? Du jeito qui tá nos num tamu conseguindu

Para a formação desses sentidos distintos, múltiplos MCIs são formados, como, por exemplo, o MCI PÓ DE ARROZ e o MCI COCAÍNA, exemplificados abaixo.

MCI PÓ DE ARROZ
Pó
Talco
Maquiagem
Branco

MCI COCAÍNA
Pó
Droga
Branco
Substância ilegal

A partir do MCI PÓ DE ARROZ, projeções são ativadas no domínio *cocaína* para auxiliar a compreensão do novo sentido. Através do processo de mesclagem conceitual, o espaço mescla passa a incorporar estruturas parciais dos *inputs* e do espaço genérico, atribuindo mais um sentido à palavra *pó*.

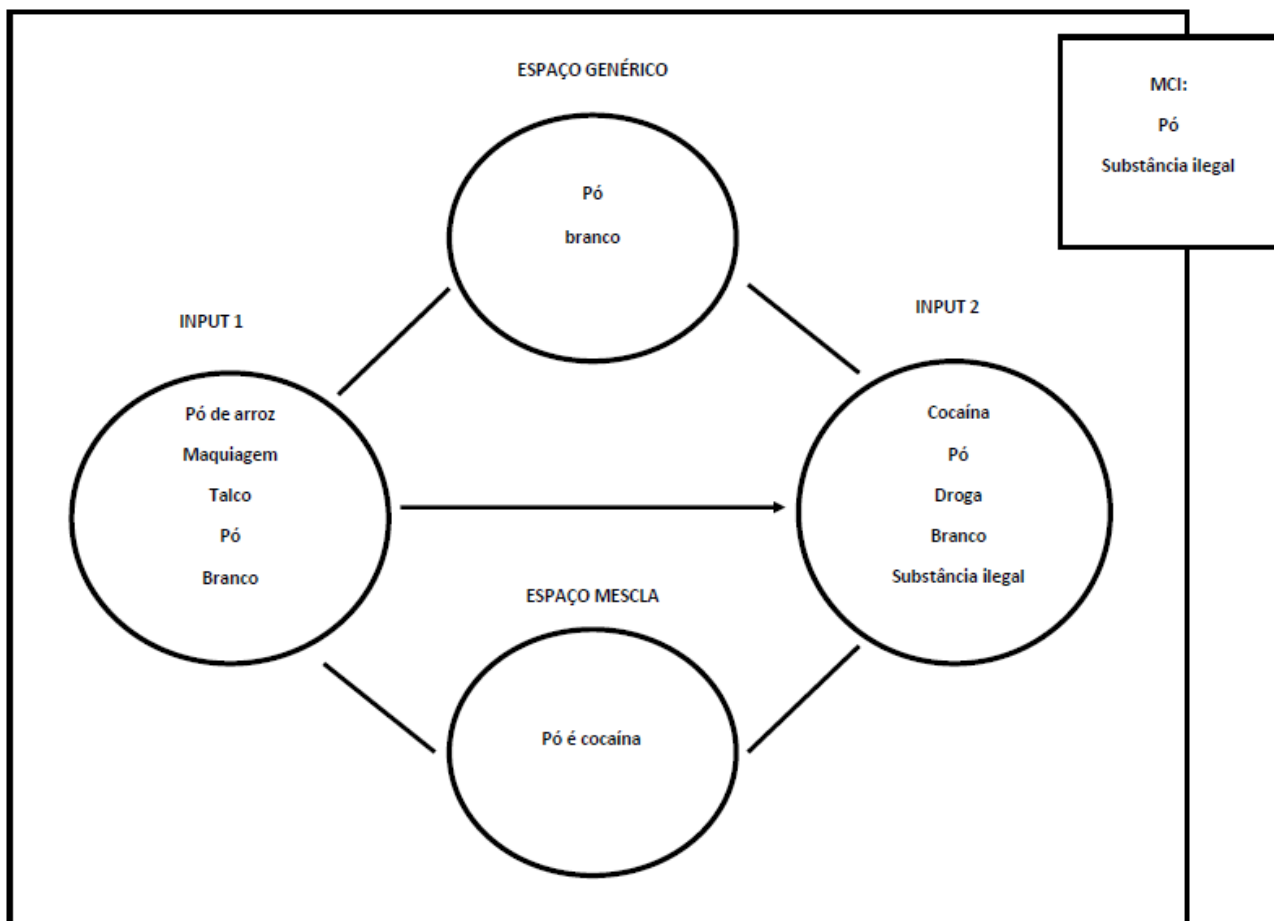


Figura 8- Mescla PÓ É COCAÍNA

No espaço mescla, já podemos observar a formação de mais um sentido para a palavra *pó*, cocaína. O novo sentido surgiu em consequência ao contexto gramatical imediato, que permitiu a delimitação do sentido do item *pó* no excerto exposto.

A expressão 'nós tamu trabalhando manu com um quilu di pó pru final di semana', linha 19, delimita um contexto comercial, porém ao referir 'morreu

dois amiguinho nossu', linha 18, percebemos que tal contexto comercial é arriscado e que provavelmente trata-se de assunto ilegal.

Nas próximas seções, passamos a discutir a vagueza lexical, utilizando exemplos recorrentes no corpus desta dissertação.

3.3 Análise da vagueza lexical encontrada no corpus

Tendo ilustrado, a partir do corpus, o funcionamento do fenômeno da polissemia, agora apresentamos nas subseções 3.3.1 a 3.3.5, alguns recortes do corpus, com a instanciação do fenômeno da vagueza lexical,

3.3.1 'Eu tivi qui fazê um bagulho fora aí'

Nesta subseção, é feita a análise do item lexical 'bagulho', a partir do conceito de vagueza lexical. O excerto 6, a seguir, representa uma ocorrência de uso de 'bagulho', que ilustra o fenômeno da vagueza no corpus:

Excerto 6

6.	ST	6.	Tranquilidadi meu manu? Tentei contatu cuntigu sabadu aí
		7.	cum vários telefoni i eu não consegui::
7.	PM	8.	Pô:: manu, mas si liga só purque pô vocês vocês entraram em
		9.	sintonia com a genti já du:: dus papu já () final de semana pra
8.	ST	10.	geral?
		11.	Não não entrei purque eu não consegui manu, eu tivi qui fazê
		12.	um bagulho fora aí ()-

Se a vagueza lexical é entendida como a existência de um certo grau de generalidade ou falta de especificidade na descrição do significado de uma palavra, então uma das tarefas analíticas nesta parte da dissertação será indicar de que forma é possível identificar determinada dimensão de sentido para certos usos, a partir do sentido potencial do item lexical em discussão.

Assim, na linha 12 do excerto 6 em discussão, o interlocutor utiliza a

palavra ‘bagulho’⁸, que será analisada como uma instância de vagueza lexical da maneira proposta a seguir.

Há um sentido básico de ‘bagulho’ que instancia o seguinte esquema mental: *algo que se realiza como um objeto, ou como coisa, produto, mercadoria, sem especificação de suas características*. No contexto gramatical em que ocorre ‘fazê um bagulho’, o traço de não-especificidade da palavra ‘bagulho’ é transferido para a atividade denotada pelo verbo ‘fazer’, de tal forma que parece haver referência a uma atividade, de natureza indeterminada.

Quando o foco de uma palavra recai preferencialmente sobre determinado esquema, não havendo pistas sobre a vinculação semântica desta palavra a determinado sentido através de certa especificação contextual, então estamos lidando com o fenômeno da vagueza lexical. De fato, observa-se no exemplo em discussão que não conseguimos atribuir um significado mais ou menos prototípico à expressão ‘fazer um bagulho’ se não analisarmos aspectos do contexto em que ela ocorre. Dessa forma, apenas os interactantes é que de fato sabem o significado que *bagulho* está representando. Com isso, tomando por base o contexto das conversas aqui transcritas, conseguimos compreender que o item lexical *bagulho* foi utilizado para mascarar o propósito comunicativo dos interlocutores, atores sociais envolvidos com tráfico de armas e drogas, sequestro e extorsão.

⁸ As convenções gráficas adotadas nesta seção são as seguintes: lexemas e expressões linguísticas em análise, extraídos do corpus, são apresentados entre aspas simples; os seus vários sentidos apresentam-se em itálico.

3.3.2 'E aí? Minha a parada?'

No excerto 7, que se segue observaremos o uso do item *parada*.

Excerto 7

Turno	Participante	Linha	Fala
1.	P1	1.	Alô.
2.	P2	2.	Oi, é u Sagaz?
3.	P1	3.	Eli num si encontra não, manu
4.	P2	4.	Quem é? É o Jacó?
5.	P1	5.	Né não, é u amigo qui tá falandu aqui. Dá u papu aí, quem tá
		6.	falandu?
6.	P2	7.	É u Cebola.
7.	P1	8.	Qual é Cebola? Fala tu.
8.	P2	9.	E aí? Minha a parada?
9.	P1	10.	(Só mais tarde) () em sintonia hoji?
10.	P2	11.	Vem cá () de praça hoji. Vem cá, a qui horas?
11.	P1	12.	Qui [horas?

O uso da palavra *parada*, linha 9, aciona um domínio cognitivo abstrato e que segundo Viotti (2003), pode ser considerado como vazio de conteúdo semântico. Contudo, essa semântica vaga apenas seria especificada pela contribuição do contexto em que se insere e através do propósito comunicativo dos interactantes no discurso, visto que o sentido é partilhado pelos falantes.

Nesse excerto, de acordo com Tuggy (1993, 2003), entendemos que a palavra em questão ativa um esquema mental abstrato, cujos únicos atributos remetem a *uma relação interpessoal de natureza comercial, em torno de um produto*, porém não sabemos que produto é esse. O que desencadeia a construção desse sentido para 'parada' é a ocorrência, por exemplo, de marcadores temporais ('só mais tarde', 'a que horas?'), que apontam para a existência de um evento. A natureza comercial, por assim dizer, do evento, no entanto, só é recuperada em função do contexto (conversa telefônica interceptada entre traficantes), pois não há elementos linguísticos que sirvam de pistas neste caso.

Nesse sentido, ainda de acordo com Tuggy (1993, 2003), a vagueza lexical ocorre quando o sentido de uma palavra depende exclusivamente das

variações contextuais. A palavra *parada* é classificada como vaga, pois é dependente do contexto em que se encontra.

No entanto, correndo o risco de levar longe demais o esforço de depreender o processo de construção de sentidos no corpus, mas respaldados pela salvaguarda do pressuposto teórico que nos orienta (de que a chave para a compreensão daquele processo deve ser encontrada na variedade de recursos ativados em diferentes situações de uso), propomos ainda a seguinte explicação, baseada no contexto linguístico imediato. As expressões ‘em sintonia hoji’ e ‘de praça hoji’ funcionam como marcadores de determinado papel discursivo pressuposto numa transação de natureza comercial: para que a mesma possa existir, é necessário haver um papel discursivo COMPRADOR e outro VENDEDOR. Os significados básicos das expressões em discussão ([‘estar] de praça’ poderiam significar *desempenhar determinada função*) e poderiam ser entendidos como as pistas que instanciam o esquema mental proposto: *relação interpessoal de natureza comercial, em torno de um produto*.

3.3.3 ‘Um material’

Nesta subsecção partimos para mais um exemplo de vagueza lexical:

Excerto 8

12.	P2	13.	[Jacó não tá aí não? Jacó não tá aí não?
13.	P1	14.	Pô, Jacó não tá qui não °cara°
14.	P2	15.	Pô, eu quiria desenrolá um papu cum eli, uma para aí qui tá prá passá pra eli, bichu.
		16.	
15.	P1	17.	Era u que qui é?
16.	P2	18.	Um material.
17.	P1	19.	Material di que? (.) Açúcar?
18.	P2	20.	É é é.
19.	P1	21.	<Mas> Cês tão cum a amostra aí?
20.	P2	22.	Tá pô, claru.

Na linha 19, a palavra *material* também tem a sua compreensão dependente do contexto, sendo, como as demais, classificada como vaga.

Pesquisando no dicionário⁹ obtivemos o seguinte significado para a palavra *material*: “Diz-se da parte palpável de uma **coisa**, independente de seu valor. / S.m. Propriedade inerente à matéria. / O que compõe a substância de uma **coisa**/ Conjunto dos **objetos**, dos **instrumentos** utilizados num serviço, numa atividade”. A partir desses sentidos, é possível argumentar que o processo de construção de sentidos aqui passa pela ativação do seguinte esquema mental, semelhante àquele sugerido para ‘bagulho’: ‘material’ = *algo que se realiza como um objeto, produto, ou coisa, sem especificação de suas características ou propriedades*.

A partir da instanciação deste esquema mental, o processo de construção de sentidos completa-se com a articulação dos seguintes elementos presentes no co-texto (ou contexto linguístico imediato): “Material di que? Açúcar? É é”. Observa-se que a construção de sentido para o lexema ‘material’ é negociada pelos participantes discursivos, à medida que P1 (na linha 19) sente necessidade de um esclarecimento: ‘material di que?’

A instabilidade do sentido do lexema fica clara nesta interação entre os participantes discursivos. Se ‘material’ tivesse, neste contexto de uso (tráfico de drogas), um significado relativamente estabilizado, não teria sido necessário o pedido de esclarecimento apresentado por P2. É literalmente na interação que os sentidos são construídos pelos interactantes, criando-se fronteiras, através das pistas contextuais, que delimitam o sentido visado. Os elementos que se seguem ao item lexical vago ativam a mescla que preside a delimitação do sentido de ‘açúcar’ como *cocaína*.

Temos, portanto, um uso de item lexical vago (ou sub-especificado), seguido de uma especificação de seu sentido a partir de um item lexical recorrente no corpus, ‘açúcar’, cujo sentido não-central (*cocaína*) é ligado ao sentido prototípico de ‘açúcar’ por um processo de mesclagem conceptual. O que desencadeia o processo de construção de sentido em certa direção é a natureza da interação entre os interlocutores.

⁹ <http://www.dicionariodoaurelio.com/Material.html>

3.3.4 'A genti tem qui mandá u negócio pru estrela'

A próxima palavra a ser usada para exemplificar o fenômeno da vagueza lexical é *negócio*, presente nos excertos 9 a 13:

Excerto 9

Turno	Participante	Linha	Fala
1.	ST	1.	Alô.
2.	PM	2.	Fala aí fita é u Estrela.
3.	ST	3.	(.) Quem?
4.	PM	4.	U Estrela.
5.	ST	5.	U Estrela?
6.	PM	6.	É.
7.	ST	7.	Fala aí manu?
8.	PM	8.	Fala aí, i u negóciu?
9.	ST	9.	Vai encostá pra pegá?
10.	PM	10.	Daqui a:: seis minuto.
11.	ST	11.	Já é, mi liga.
12.	PM	12.	Falô.
13.	ST	13.	Valeu.

Excerto 10

Turno	Participante	Linha	Fala
1.	ST	1.	°Alô°
2.	PM	2.	Fala (pô) é Dinamiti.
3.	ST	3.	Qual é manu olha só eli não chegô ainda não tá ligadu? qué
		4.	desenrolá cum otu manu não?
4.	PM	5.	Cadê? F:: Fala aí. Cadê u otu manu?
5.	ST	6.	Eli tá ali durmindu ali vô acordá eli ou então si você quisé falá
		7.	comigu eu passu u recadu pra eli depois.
6.	PM	8.	Pô manu olha só é porque:: (.) tem te dois plantão aí i não
		9.	veiu nada entendeu? Eu falei cum eli u seguinte (.) pra eli
		10.	manda é:: pra frenti nu serviçu di hoje entendeu?
7.	ST	11.	Ahn?
8.	PM	12.	U qui aconteci cara a genti tem qui manda u negócio pru
		13.	Estrela lá i:: num tá indu o negócio pru cara (.) Entendeu?
9.	ST	14.	Ahan!

Excerto 11

Turno	Participante	Linha	Fala
1.	ST	1.	Alô.
2.	PM	2.	Fala meu parcêru, já desenrolo aí [u negóciu?
3.	ST	3.	[ô ô Choqui, si liga manu
4.	PM	4.	Fala aí
5.	ST	5.	U amigu não chegô i não passo aqui ainda <u>não</u> Choqui.
6.	PM	6.	Ah é, olha só [mas eu vô metê u pé

Excerto 12

8.	ST	9.	Ta manêru manu, se liga só.
9.	PM	10.	Fala aí.
10.	ST	11.	Depois aí cum u tempu, si você pudé arrumá um negocinhu aí quebradinho pra genti aí.
		12.	
11.	PM	13.	Du:: du:: du tá falandu di que?
12.	ST	14.	Daquelis negocinho piquenu, quebradu () tá ligadu? Só pra genti faze um bagulhu aí i dizê qui foi aqui, já é?
		15.	

Excerto 13

Turno	Participante	Linha	Fala
1.	P3	1.	Fala aí mano.
2.	P4	2.	Fala aí mano. Não é o () que tá falando não, mas é outo amigo aqui qui tu desenrola tãém.
		3.	
3.	P3	4.	A então parcêro ele pô já dei o papo a ele si vai querê o negócio se não vai.
		5.	
4.	P4	6.	Mas tipo assim mano como é que vai sê essa forma de pagamento aí. Que ele pediu pa mim perguntá?
		7.	
5.	P3	8.	Pô é o qui eu tô te falando cara ele até falô pra mim que chegô a me dá um () na na semana, mas esse bagulho aí pô ele sabe que minha equipi são três três galera entendeu?
		9.	
		10.	

Nos excertos de 9 a 13, voltamos a atenção para a palavra *negócio*, em que a mesma estratégia linguística é usada, ou seja, em nenhum momento os interlocutores nomeiam os itens lexicais vagos. O núcleo comum às ocorrências de ‘negócio’, nos fragmentos em discussão, parece ser captado pelo mesmo esquema mental instanciado em ocorrências de ‘bagulho’ e ‘material’: *algo que se realiza como um objeto, produto, ou coisa, sem especificação de suas características ou propriedades.*

É relevante observar que o esquema abstrato proposto toma como base um dos significados básicos para o lexema, dicionarizado como característico do português brasileiro, em registro familiar, como se verifica a seguir:

¹⁰ s.m. Empreendimento comercial, industrial, financeiro. / Transação: realizar bom negócio. / Assunto: os negócios de Estado. / **Bras. Fam. Qualquer coisa cujo nome não se sabe ou não se quer dizer; troço.** // Negócio da China, negócio muito lucrativo. // Negócio de compadres, aquele que é feito de favores. // Negócio de pai para filho, aquele que não visa a lucro. // Negócio de ocasião, boa oferta. // Bras. Negócio de orelha, troca de um animal por outro. // Negócio de arromba, negócio vantajoso, coisa admirável. // Homem de negócios, negociante, comerciante.

O que desautoriza a interpretação de ‘negócio’ nos outros sentidos dicionarizados (por exemplo, ‘negócio’ como *transação comercial*), ligados a um esquema de outra natureza, é a sua realização lexicogramatical como substantivo nas locuções verbais ‘pegá u negociu’ (primeiro fragmento); ‘mandá u negócio’ e ‘tá indo u negócio pru cara’ (segundo fragmento); ‘desenrolô u negócio?’ (terceiro fragmento); ‘arrumá um negocinho aí quebradinho’ (quarto fragmento); ‘querê u negócio’ (quinto fragmento). Caso o esquema mental instanciado nos exemplos fosse o da *transação comercial*, os processos verbais seriam distintos (por exemplo, ‘fazer um negócio’).

Concorre para a interpretação de que os sentidos de ‘negócio’, nos fragmentos em discussão, instanciam o esquema mental semelhante ao de ‘material’ e ‘bagulho’ (*algo que se realiza como substância, mas cujas propriedades não são especificadas*) a ocorrência do marcador de discurso ‘aí’ no quarto fragmento: ‘um negocinho aí quebradinho’. Na literatura linguística, ‘aí’, em vários de seus usos, perdeu sua função de dêitico ou mostrativo e adquiriu funções pragmáticas, inclusive nos processos de construção de sentido que apontam para a indeterminação de sentidos (Martelotta, 2008).

Assim, as estratégias discursivas usadas nos fragmentos analisados concorrem para sustentar o princípio comunicativo que preside as conversas telefônicas que constituem o presente corpus, qual seja, o de *comprar e vender substâncias sem nomeá-las*.

¹⁰ <http://www.dicionarioaurelio.com/Negocio.html>

3.3.5 'Nós tá sem dinheiro nenhum até pra comprá produto pra trabalhá'

No excerto 14, o exemplo analisado é o da palavra *produto*:

Excerto 14

13.	ST	13.	Então, (vô) da um papu manu. Pô, tipu assim u:: qui a genti ta pedindo pra vocês manu, tipu assim nós tá sem condições de pagá os atrasadu, tá ligadu? l- tá ouvindo manu?
		14.	
		15.	
14.	PM	16.	Tô ouvindu, fala aí.
15.	ST	17.	l pidindu uma nova sintonia, tá ligadu manu? Qui nós tá sem dinheiro nenhum até pra comprá pridutu pra trabalha, tá ligadu? Nós num tá savendu administrá essi bagulho legal não manu. Desdi qui u amigu rodô, tá ligadu?
		18.	
		19.	
		20.	

Na linha 18, observa-se o uso de 'produto', que também instancia um esquema mental abstrato, semelhante àquele instanciado pelas ocorrências dos itens lexicais 'material', 'bagulho' e 'negócio', dos excertos anteriores.

Há, no entanto, uma pequena modulação contextual aqui, visto que uma camada de sentido acrescida ao esquema proposto (*algo que se realiza como substância, mas cujas propriedades não são especificadas*) pode ser depreendida do contexto discursivo em que o item lexical é usado. Trata-se do sentido *substância de propriedades indefinidas, mas alvo de transações comerciais*, ativado pelo esquema *transação interpessoal de natureza comercial*, disparado pela ocorrência dos itens 'dinheiro pra comprá produto pra trabalhá'.

Observa-se que estes elementos da camada de sentido proposta para o uso apresentado no excerto 14 podem ser recuperados a partir de alguns significados básicos de 'produto', tais como dicionarizado a seguir:

¹¹ s.m. Resultado da produção; coisa produzida: produto da terra.

Resultado de uma transação, de um esforço: produto da venda, do trabalho. / Rendimento, lucro, proveito. / Química. Resultado de uma operação. / Matemática. Resultado de uma multiplicação. / Fisiologia.

¹¹ <http://www.dicionarioaurelio.com/Produto.html>

Substância resultante de uma elaboração. / Medicina. Tecido anormal desenvolvido no organismo. // Filosofia. Produto da concepção, o embrião. // Produtos químicos, os preparados em laboratório.

Assim, temos mais uma vez um uso de item lexical vago, mascarando o propósito comunicativo dos participantes.

3.4 Considerações Finais

Neste capítulo, de natureza analítica, foram apresentados alguns fragmentos do corpus que instanciam os fenômenos da polissemia e da vagueza lexical.

Observa-se, da análise apresentada, que:

- 1) A polissemia representa um processo sociocognitivo amplo, formado através do processo de mesclagem conceptual e que sofre influências do contexto sociocultural e discursivo. Nas análises apresentadas neste trabalho, observamos a dinamicidade do pensamento e da linguagem, gerando o fenômeno da polissemia.
- 2) A vagueza lexical ocorre como mais um fenômeno de indeterminação do sentido e é utilizada como um recurso discursivo para se referir a assuntos ilícitos e cumprir o propósito de comprar e vender drogas. Os itens lexicais analisados instanciam os seguintes esquemas mentais abstratos: “algo que se realiza como um objeto, ou como coisa, produto, mercadoria, sem especificações de suas características ou propriedades” e “relação interpessoal de natureza comercial em torno de um produto”, não havendo pistas sobre a vinculação semântica das palavras (*bagulho, material, parada, negócio e produto*) a determinado sentido. Todos os sentidos são construídos na interação e estão dentro do enquadre geral das conversas, que pode ser entendido como um enquadre de transações comerciais.

O capítulo 4 é de conclusões e apresenta as considerações finais sobre a pesquisa.

4 CAPÍTULO 4 CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para alcançar o objetivo de abordar o processo de produção de sentido em sua dimensão cognitiva, recorreremos à Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados sob a ótica de Lakoff, segundo o qual as estruturas conceituais significativas surgem de duas fontes. Primeiramente, da natureza estruturada da experiência física e sociocultural e, em segundo lugar, de nossa capacidade inata para transpor, pelos mecanismos da razão, certos domínios estruturados da experiência física e social para domínios de natureza abstrata.

Assim, vimos que é através da capacidade de conceitualização que um indivíduo apresenta a habilidade de abstração, projetando as estruturas de domínios físicos em estruturas de domínios mais abstratos, mantendo as relações entre esses domínios e formando os Modelos Cognitivos Idealizados, como observamos no Exemplo 2, que se refere ao item lexical ‘açúcar’ sendo conceitualizado como cocaína.

É através dos MCIs que entendemos que determinada expressão linguística não se refere exatamente a um elemento da realidade, mas a algo mediado pela organização mental do conhecimento e da experiência de cada pessoa.

Além da Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados, abordamos também a Teoria da Mesclagem Conceptual, pois é através do fenômeno da mesclagem conceptual que ocorrem as projeções interdomínios, com a conseqüente formação do espaço mescla, que armazena a fusão dos conceitos contidos em cada *input* e no espaço genérico, favorecendo a formação de um terceiro conceito.

O capítulo analítico possibilitou-nos observar os submodelos presentes na construção de um modelo cognitivo, como ocorreu com o modelo complexo de PÓ que possui na sua composição os submodelos (modelos individuais) de pó de mico, pó compacto, pó de arroz, pó de guaraná, pó descolorante e pó de cocaína. Isso evidencia o pressuposto de que a partir de palavras polissêmicas, podemos construir mais de um modelo para uma mesma palavra, podendo ocorrer projeções interdomínios para auxiliar o entendimento desses modelos individuais, através da mesclagem conceptual.

Para as nossas reflexões, fizemos, no primeiro capítulo, uma apresentação teórica da área na qual nosso objeto se encontra inserido. Apresentamos os

principais fundamentos e pressupostos, contemplando as Teorias do MCI e da Mesclagem Conceptual, além de discutirmos os conceitos de polissemia e vagueza lexical.

No segundo capítulo, contextualizamos o corpus escolhido, conversas telefônicas interceptadas de atores sociais envolvidos com tráfico de armas e drogas, sequestro e extorsão. Abordamos o critério utilizado para constituir o corpus, os procedimentos analíticos e expomos um breve histórico das interceptações telefônicas.

Finalmente, no terceiro capítulo, apresentamos uma proposta analítica, na qual focalizamos questões concernentes à metodologia empregada. Analisamos as palavras polissêmicas e vagas, presentes no corpus dessa dissertação, utilizando os pressupostos da TMCI e também recorreremos à teoria da mesclagem conceptual.

A apresentação de conceitos considerados centrais na Linguística Cognitiva, juntamente com a proposta analítica, evidenciou, mesmo que de forma sucinta, as dimensões cognitivas e culturais presentes no processo de construção de sentido. O conceito de mesclagem conceptual possibilitou, a partir das análises realizadas, a compreensão dos processos cognitivos realizados para compreender a escolha de determinados itens lexicais durante a produção de um discurso.

4.1 Limitações da Pesquisa

Uma das limitações deste estudo encontra-se na sua reduzida amostra: 10 conversas telefônicas. Dessa forma, as conclusões deste trabalho aplicam-se apenas a essa mesma população e como a amostra deste trabalho engloba apenas conversas telefônicas de uma mesma comunidade linguística, não podemos generalizar os resultados obtidos a outras comunidades de fala.

Pessoalmente tive algumas limitações, já que iniciar um estudo fora da minha zona de conforto, a fonoaudiologia, foi bastante difícil. Inicialmente não conhecia as teorias que formavam a base da Linguística Cognitiva; por isso, escolher o arcabouço teórico em que basearia minha pesquisa foi uma longa tarefa. Percebo que o corpus poderia ter sido melhor explorado, aprofundando mais as análises, porém ainda não me sentia preparada para tanto. Antes, acredito que eu deveria

investir na sedimentação dos conceitos apreendidos dentro da LC, para que isso possa se refletir até mesmo em escolhas lexicais mais adequadas ao meu paradigma teórico.

4.2 Futuros Desdobramentos

Este trabalho contribuiu de forma significativa no meu desempenho profissional, mesclar a fonoaudiologia com a Linguística Cognitiva permitiu-me demonstrar como e porque determinadas escolhas lexicais são feitas e ainda verificar se um ator social poderá ou não ser incriminado.

À Linguística Cognitiva acredito que ofereci um novo campo para ser estudado, o contexto forense. Durante esse período cursando o mestrado, vi que, no Brasil, são poucos os trabalhos publicados na área forense, espero que esta dissertação desperte o interesse de muitas pessoas.

Ao Ministério Público, mais especificamente à Coordenadora de Segurança e Inteligência, espero ter contribuído ao apresentar mais uma ferramenta para auxiliar na análise de conversas telefônicas interceptadas. Como exposto no capítulo de introdução, na grande parte das análises realizadas por fonoaudiólogos apenas constam um exame perceptivo-auditivo e acústico do falante, portanto utilizar uma análise baseada nos pressupostos da Linguística Cognitiva seria de grande valia para complementar esse tipo de trabalho.

Com base nos resultados, conclusões e limitações deste estudo, recomenda-se que estudos próximos procurem abranger um maior número de conversas telefônicas e de comunidades de fala. Além disso, seria também interessante que futuros trabalhos verificassem se o uso da vagueza lexical e da polissemia está relacionado com o mecanismo de proteção de face proposto por Goffman.

REFERÊNCIAS

BAZZANELLA, C. *Indeterminacy in Dialogue*. Turim: John Benjamins Publishing Company: University of Turin, 2011.

BERNARDINO, Camila Costa José. *A polissemia da preposição uber: um estudo com base na semântica cognitiva*. Dissertação (Mestrado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

BERNARDO, Sandra. Mesclagem conceptual em análise de cartum. *Veredas*, 2011.

BRICKER, S. Pruzansky. Speaker recognition. In: LASS, N. (Ed.). *Experimental Phonetics*. London: Academic Press, 1976. p. 295–326.

BYBEE, Joan. 2000b. The phonology of the lexicon: evidence from lexical diffusion. In: BARLOW, Michael; KEMMER, Suzanne (Ed.). *Usage-based models of language*. Stanford: CSLI, 2000. p. 65-86.

_____.2000. Lexicalization of sound change and alternating environments. In: BROE, Michael B.; PIERREHUMBERT, Janet B. (Ed.). *Papers in laboratory phonology v: acquisition and the lexicon*. Cambridge: Cambridge University Press. 2000. p. 250-268.

CHIAVEGATTO, Valeria Coelho. Introdução à linguística cognitiva. *Matraga*, Rio de Janeiro, v.16, n.24, jan./jun. 2009

CROFT, W, CRUSE, A. *Cognitive linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

DICIONÁRIO do Aurélio. 2008-2013. Disponível em:
<<http://www.dicionariodoaurelio.com>>. Acesso em: jan. 2012.

EVANS, Vyvyan; GREEN, Melanie. *Cognitive Linguistics: an Introduction*. London: Lawrence Erlbaum Associates, 2006

FAUCONNIER, G. *Mappings in thought and language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

FELTES, Heloisa Pedroso de Moraes. A semântica cognitiva prototípica de George Lakoff. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 27, n. 3, p. 49-71, 1992.

FILHO, A.; PINTO, R. *Da perícia ao perito*. 2. ed. Niterói, RJ: Impetus, 2010. p. 30.

FILLMORE, Charles J.; KAY, Paul; O'CONNOR, Mary Kay. *Regularity and idiomacity in grammatical constructions: the case of let alone*. *Language*. [S.l.: s.n.], 1988.

GEERAERTS, D. *Theories of lexical semantics*. Oxford: University Press, 2010.

GERHARDT, Ana Flávia Lopes Magela. Teorias e conceitos na lingüística cognitiva. *Compreensões. Cad. Est. Ling.*, Campinas, v. 45, p. 21-32, jul./dez. 2003.

GOLDBERG, Adele E. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GONZALEZ-MARQUEZ, Mônica; MITTELBERG, Irene; COULSON, Seana; SPIVEY, Michael J. *Methods in cognitive linguistic*. New York: John Benjamins, 2007.

HOPPER, Paul J.; TRAUGOTT, Elizabeth C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

IMACULADA, O. M. *Modelos cognitivos idealizados e representações sociais: a organização de uma experiência política na revista Manchete e no jornal O Pasquim*. Dissertação (Mestrado) - Programa de Mestrado em Letras, Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2009.

LAKOFF George; JOHNSON, Mark. *Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to Western thought*. New York: Basic Books, 1999.

LAKOFF, George. *Women fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LANGACKER, Ronald W. *Foundations of cognitive grammar: theoretical prerequisites*. Stanford: Stanford University Press, 1987. v.1.

_____. *Foundations of cognitive grammar: descriptive application*. Stanford: Stanford University Press, 1991. v.2.

LIMA, S. M. C. de. *Entre os domínios da metáfora e da metonímia: um estudo de processos de recategorização*. 2009. 205f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

LUDKE, M; ANDRÉ, M.E. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 2001.

MARTELOTTA, M.E. (Org.). *Manual de Linguística*. 1. ed., 1. reimp. São Paulo: Contexto, 2008.

MARTELOTTA, M.E.; VOTRE, S.J.; CEZARIO, M.M. *Gramaticalização no português do Brasil, uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: UFRJ, Grupo de Estudos Discurso & Gramática, 1996. p. 24-40.

MIRANDA, N.S. Domínios conceptuais e projeções entre domínios: uma introdução ao modelo dos espaços mentais. *Veredas: revista de estudos linguísticos*. Juiz de Fora, v.3, n.1, p.81-95, jan./jun. 1999.

SANDRA, Dominiek; Rice, SALLY. Network analyses of prepositional meaning: Mirroring whose mind - the linguist's or the language user's? *Cognitive Science*, v. 6, n.1, p. 89-130, 1995.

SOARES DA SILVA, Augusto. *A linguística cognitiva uma breve introdução a um novo paradigma em linguística*. Braga: Universidade Católica, Faculdade de Filosofia de Braga, 1997. Disponível em: <<http://www.facfil.ucp.pt/lingcognit.htm>>. Acesso em: jan. 2013.

_____. *A semântica de DEIXAR: uma contribuição para a abordagem cognitiva em semântica lexical*. Dissertação (Doutorado), Faculdade de Filosofia de Braga, Universidade Católica Portuguesa, Braga, 1997.

_____. *O mundo dos sentidos em português: polissemia, semântica e cognição*. Coimbra: Almedina, 2006.

SOUZA, André L. *Primeiros verbos: uma análise da produtividade de uma criança acerca da morfologia de verbos regulares em português brasileiro*. 2007. 113p. Dissertação (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

SOUZA, H.P. de. *Metáfora x Não-metáfora: alguns aspectos sobre a fronteira entre o sentido literal e figurado na linguagem*. *Cadernos de estudos linguísticos*, Campinas, n. 45, p. 99-106, jul./dez. 2003.

TAYLOR, J. Polysemy and the lexicon. In: KRISTIANSEN, G.; ACHARD, M.; DIRVEN, R.; IBÁÑEZ, F. J. R. de M. (Ed.). *Cognitive linguistics: current applications and future perspectives*. Berlin:New York: Mouton de Gruyter, 2006.

TUGGY, D. Ambiguity, polysemy and vagueness. *Cognitive Linguistics*, v. 4, n. 3, p. 273-290, 1993.

_____. The Nawatl verb *kisa*: A case study in polysemy. In: CUYCKENS, H.; DIRVEN, R.; TAYLOR, J (Ed.). *Cognitive approaches to lexical semantics*. Berlin: New York: Mouton de Gruyter, 2003.

VIOTTI, E. C. A composicionalidade nas sentenças com o verbo *ter*. In: MÜLLER, A. L.; NEGRÃO, E. V.; FOLTRAN, M. J (Org.). *Semântica formal*. São Paulo: Contexto, 2003.